

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS  
RELAÇÕES POLÍTICAS - MESTRADO**

**THIAGO MENINI DOS REIS**

**ECOS DO LABIRINTO:  
HUGO CHÁVEZ E A RECONSTRUÇÃO DA MÍTICA  
BOLIVARIANA NA VENEZUELA (1999-2009)**

VITÓRIA  
2010

THIAGO MENINI DOS REIS

**ECOS DO LABIRINTO:  
HUGO CHÁVEZ E A RECONSTRUÇÃO DA MÍTICA  
BOLIVARIANA NA VENEZUELA (1999-2009)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinícius da Costa de Mendonça

VITÓRIA  
2010

**THIAGO MENINI DOS REIS**

**ECOS DO LABIRINTO:  
HUGO CHÁVEZ E A RECONSTRUÇÃO DA MÍTICA  
BOLIVARIANA NA VENEZUELA (1999-2009)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Aprovada em 16 de abril de 2010.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. . Carlos Vinícius da Costa de Mendonça**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**  
**Orientador**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Barros Ferreira Rodrigues**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Dadalto**  
**Universidade de Vila Velha**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

R375e Reis, Thiago Menini dos, 1983-  
Ecos do labirinto : Hugo Chávez e a reconstrução da mítica  
bolivariana na Venezuela (1999-2009) / Thiago Menini dos Reis.  
– 2010.  
102 f. : il.

Orientador: Carlos Vinícius Costa de Mendonça.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito  
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Chávez Frías, Hugo, 1954-. 2. Venezuela. 3. Venezuela -  
Política e governo. 4. Mito. 5. Imaginário. I. Mendonça, Carlos  
Vinícius Costa de. II. Universidade Federal do Espírito Santo.  
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

---

*Dedico esse trabalho ao professor Carlos Vinícius da Costa de Mendonça, que por meio de sua sabedoria e paciência indicou-me caminhos que foram imprescindíveis no amadurecimento desta pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, em especial aos meus avós maternos Angelo e Jacy, minha mãe Maria Laura, meus tios Ailton e Glória. Também sou muito grato a minha namorada Andréa Scalfoni a quem amo muito e que durante todos esses anos sempre esteve ao meu lado me apoiando e auxiliando nessa minha trajetória profissional e pessoal. Agradeço a Maria das Graças mãe da minha namorada que tem muito paciência comigo.

Não posso esquecer os meus amigos Thiago Dias, Daniel Carneira, Lincoln Mozer e Eduardo Moreira que sempre estiveram junto comigo tanto nas conversas acadêmicas quanto nas de “boteco”. Outro grande amigo que não poderia ficar fora dos agradecimentos é o Jeferson, uma pessoa disciplinada, “inconformada” e bem humorada, que eu tive a sorte e o prazer de dividir longas “conversas teóricas”.

Ao mais generoso, paciente e sábio professor que eu tive privilégio de conhecer e ter como mestre e amigo: meu orientador acadêmico e da vida, o professor Dr. Carlos Vinicius da Costa de Mendonça, que nenhum agradecimento poderia findar o quanto sou grato por suas palavras e atenção. Em uma época de violência física e verbal, de medo e incerteza, este grandioso intelectual deu-me a possibilidade de conhecer caminhos subjetivos, transigentes e diplomáticos para se olhar, compreender e agir com o mundo e com o próximo.

As professoras da minha banca de qualificação e de avaliação final, Márcia Barros Ferreira Rodrigues e Maria Cristina Dadalto, que tiveram a paciência de ler esta pesquisa e que trouxeram apontamentos imprescindíveis para a continuidade dos trabalhos. Tamanha a profundidade dos apontamentos dados por elas, que dificilmente serão atingidos integralmente nesse trabalho, mas que com certeza abriram novas portas para o prosseguimento de minha jornada como estudante.

A todos os professores da graduação da História na UFES, aonde concluí meu curso antes do ingresso no programa de mestrado, em especial ao professor Luis Claudio, que me auxiliou no estágio docente. Também ao meu professor de monografia:

Josemar, uma pessoa que prima pela vivência, um lutador que não perdera a esperança nas grandes transformações e que lança suas ações para fora da pequenez da nossa atualidade. Não posso deixar de fora os alunos da graduação que me acolheram com desprendimento e aceitaram fazer uma experiência fundada na troca e no diálogo.

A todos que participaram da minha formação no mestrado, aos professores (as): Marcia, Gilvan, Valter, Estilaque e Michael Soubbotinick, que só me fizeram engrandecer com as aulas, que demonstravam sempre a vitalidade e a força intelectual do programa de mestrado. A professora e coordenadora do mestrado Adriana Campos, que com sua garra fez realidade seu projeto de qualificar o mestrado, sempre visando à melhora e fortalecimento do programa. Aos funcionários do programa de mestrado em especial a Ivana que sempre estivera disponível a me ajudar, tudo seria mais difícil sem ela, isso é certo.

Sou profundamente grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) junto ao programa de mestrado e a professora Adriana Campos, que me concederam a Bolsa de estudos, que durante estes 24 meses foi vital para a elaboração da minha pesquisa.

“Num período como o nosso, quando os conceitos se esvaziam de ser, existe uma tendência compreensível para marginalizar o pensamento conceptual. Mas não há experiência autêntica sem um conceito, nem há conceito vital sem experiência. O conceito dá forma à experiência; mas a experiência tem que estar presente para dar conteúdo e vitalidade ao conceito.”

Rollo May



## RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo desenvolver uma análise histórica sobre a fabricação da imagem pública do presidente venezuelano Hugo Chávez a partir de sua relação com a representação simbólica da imagem do libertador Simon Bolívar. A fabricação da imagem pública de Hugo Chávez tem como marco inicial o dia de 4 de fevereiro de 1992, quando ele fez uma declaração em rede nacional de televisão após ser preso junto a outros militares em uma desastrosa tentativa de golpe de Estado. Apesar de ter sido frustrado na insurreição, Hugo Chávez conseguiu conquistar o apoio de grande parte da população venezuelana em seu primeiro discurso transmitido para todo país, mesmo estando derrotado e preso. Nesse momento ele já trazia em seu discurso o signo do Libertador, buscou imediatamente associar-se a imagem de Bolívar. Hugo Chávez passou a ampliar paulatinamente seu espaço no campo da política venezuelana, até que em 1998 conseguiu através da eleição direta sua ascensão para a presidência do país, estruturado em um grande movimento político. Hugo Chávez promoveu a partir de então uma reestruturação do Estado alicerçado sobre a “doutrina bolivariana”, esta doutrina além de ter uma função programática, cumpriu um importante papel estratégico ao reavivar o mito político bolivariano, que se tornou eficiente como uma das ferramentas utilizadas por ele na disputa e manutenção do poder. O mito do libertador Bolívar não foi uma apropriação exclusiva de Hugo Chávez, ao contrário, ele viajou por toda a História do poder na Venezuela, sendo apropriado pelos mais diversos políticos, em épocas distintas e sendo utilizado para se alcançar propósitos muitas vezes dispares. A pesquisa propõe-se a compreender quais os principais aspectos dessa apropriação do mito bolivariano por Hugo Chávez através da fabricação de sua própria imagem como soberano e discutir como dar-se a validação desse mito no imaginário político venezuelano, como esse mito ressurgiu no tempo presente de maneira eficaz. Foram selecionados dois grupos de fontes, o primeiro são as biografias que versam sobre a vida de Hugo Chávez e da Revolução Bolivariana, o segundo é formado pelos discursos públicos proferidos por Hugo Chávez e que foram publicados pela imprensa oficial venezuelana, sendo estas fontes selecionadas pelo seu caráter publicitário.

Palavras-chave: Hugo Chávez, Venezuela, Política e Governo, Mito e Imaginário.

## ABSTRACT

This research wants to analyze President Hugo Chavez public image starting from the association with the liberator Simon Bolivar and his symbolic representation. Hugo Chavez started building his public image on the 4 of February with his declaration on a national TV channel just after being arrested with others soldiers during a military insurrection. During his first speech, Hugo Chavez managed to obtain the support of most Venezuelan citizens by associating himself to Simon Bolivar. After this, Hugo Chavez increased his power within Venezuelan politics and in 1998 became President of Venezuela. Since then Hugo Chavez promoted many reforms based on the “Bolivar doctrine”, this doctrine had a strategic role reviving Bolivar political myth, one of the most efficient tool used by Chavez to keep the power. Liberator Bolivar myth has been used several times by politicians of different times and for many purposes. This research wants to underline the main aspects of Hugo Chaves appropriation of Simon Bolivar myth by discussing the importance of this myth within Venezuelan politics. Different types of sources have been selected: first of all Hugo Chavez and Bolivarian Revolution biographies, then Hugo Chaves public speeches published by the official Venezuelan press, selected for their advertising purposing.

Keywords: Hugo Chavez, Venezuela, Politics and Government, Myth and Imagination.

## RESUMEN

Esta investigación pretende desarrollar un análisis histórico de la fabricación de la imagen pública del presidente Hugo Chávez a partir de la asociación con el libertador Simón Bolívar y su representación simbólica. Hugo Chávez comenzó a construir su imagen pública el 4 de Febrero con su declaración en un canal de televisión nacional después de haber sido detenido, junto con otros soldados, durante una insurrección militar. Durante su primer discurso, Hugo Chávez, logró obtener el apoyo de la mayoría de los ciudadanos de Venezuela asociándose a la imagen de Simón Bolívar. Después de esto, Hugo Chávez, aumentó su poder dentro de la política venezolana, y en 1998 se convirtió en Presidente de Venezuela. Desde entonces, Hugo Chávez, promovió numerosas reformas sobre la base de la doctrina "Bolivariana", esta doctrina tuvo una función programática y un papel fundamental en la recuperación del mito político de Bolívar, una de las estrategias más eficaces utilizadas por Chávez para mantener el poder. El mito del libertador Bolívar no fue una apropiación exclusiva de Hugo Chávez es más ha sido utilizado en varias ocasiones por los políticos de diferentes épocas y para muchos fines. Esta investigación se propone comprender los principales aspectos de la apropiación del mito de Simón Bolívar por Hugo Chaves y discutir la importancia de este mito dentro de la política venezolana. Se han seleccionado diferentes tipos de fuentes: en primer lugar, las biografías de Hugo Chávez y la Revolución Bolivariana, entonces los discursos públicos de Hugo Chaves publicados por la prensa oficial venezolana y seleccionados por su carácter publicitario.

Palabras Claves: Hugo Chávez, Venezuela, Política y de Gobierno, Mito y imaginación.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 IMAGINÁRIO E MITO POLÍTICO.....</b>	<b>26</b>
<b>3 IMAGENS BOLÍVAR: O MITO BOLIVARIANO E A HISTÓRIA DO PODER NA VENEZUELA.....</b>	<b>38</b>
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O MITO DO LIBERTADOR.....	38
3.2 UM LONGO PERCURSO.....	40
<b>4 HUGO CHÁVEZ, O LIBERTADOR REENCARNADO? A BIOGRAFIA E A FABRICAÇÃO DO SOBERANO.....</b>	<b>55</b>
4.1 O HOMEM, O MITO E A HISTÓRIA OFICIAL.....	55
4.2 IMAGENS DE CHÁVEZ: COMO FABRICAR UM MITO BOLIVARIANO.....	59
<b>5 BOLÍVAR: A SENHA DE ACESSO AO IMAGINÁRIO POLÍTICO.....</b>	<b>71</b>
5.1 ENTRE AS PALAVRAS, AS IMAGENS E OS ESPÍRITOS.....	71
5.2 BOLÍVAR ESTÁ VIVO !.....	72
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>86</b>
<b>9 FONTES.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>92</b>

# 1 INTRODUÇÃO

*O presente estaria cheio de todos os futuros, se já o passado não projetasse sobre ele uma história. Mas, infelizmente, um único passado propõe um único futuro projeta-o diante de nós como um ponto infinito sobre o espaço.*

*(André Gide)<sup>1</sup>*

“Los soldados venezuelanos estamos aquí para cumplir el mandato de Simón Bolívar(...)<sup>2</sup>”, estas palavras ditas pelo presidente da Venezuela Tenente-Coronel Hugo Rafael Chávez Frias em 4 de fevereiro de 2008 em razão da celebração do Dia da Dignidade e da Rebelião Bolivariana<sup>3</sup>, foi dirigida a uma multidão de pessoas que se aglomeravam na Av. Bolívar no centro de Caracas. Ela foi retirada de um longo discurso por explicitar uma “imagem fixa” que faz parte da tradição política daquele país: a imagem de Simón Bolívar<sup>4</sup>, cultuada e mitificada ao longo de toda a história da Venezuela<sup>5</sup>.

Todo o processo de transformação do Estado venezuelano iniciado em 1999, foi e é capitaneado pelo presidente Hugo Chávez, que fundamentou e legitimou sua política na imagem de Bolívar, da qual construiu um culto. Bolívar foi reavivado a partir de uma mitificação que capitalizou toda a sua força simbólica. Chávez não é o primeiro a se apropriar e manipular a imagem do Libertador, quase todos os grandes líderes da história do país de uma maneira ou de outra se aproximaram e utilizaram sua imagem<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> GIDE, A. **Os frutos da terra**. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1986.

<sup>2</sup> Os soldados venezuelanos estão aqui para cumprir o mandato de Simon Bolívar. Todas as traduções feitas ao longo da pesquisa são de autoria do pesquisador. FRÍAS, H. C. **Frases II**. Caracas: Ministério da Comunicação e da Informação, 2006. p. 12.

<sup>3</sup> No dia 4 de Fevereiro de 1992, Hugo Chávez lidera uma insurreição militar frustrada, que é comemorada desde a ascensão de Chávez a presidência da República como marco do início de sua trajetória rumo ao poder. ALMADA, I. **Venezeula povo e forças armadas**. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2007, p.48.

<sup>4</sup> Herói da independência Latino Americana, nasceu no dia 24 de julho de 1783 em Caracas e faleceu em 17 de dezembro de 1830. Liderou a libertação da região em que hoje se encontra cinco países da América - latina: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Por conta de seus feitos, recebeu o título de “El libertador”. CASTRO, M. W. **Bolívar (1783-1830)**. São Paulo: Editora Três, 1973.

<sup>5</sup> CARRERA-DAMAS, German. **El culto a Bolívar**. Caracas, Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973.

<sup>6</sup> A questão da história da heroificação e do culto a imagem de Simón Bolívar na Venezuela será tratada no capítulo 1.

Hugo Chávez elegeu-se presidente da Venezuela em dezembro de 1998<sup>7</sup>, trazendo consigo toda uma carga simbólica, constituída pela alegoria bolivariana, que lhe concedeu suporte e munição política para ascender-se e manter-se no poder durante três eleições<sup>8</sup>, um referendo<sup>9</sup> e uma tentativa de golpe<sup>10</sup>. Hugo Chávez assumiu o papel de *El libertador* em sua representação política, entretanto, não apenas invocou e trouxe para si o imenso capital simbólico incutido na imagem de Bolívar, mas efetivamente adentrou o imaginário popular como herdeiro direto da “Espada de Bolívar”<sup>11</sup>. Sendo a apropriação da imagem de Bolívar e suas representações míticas por Chávez e sua utilização na construção do discurso “chavista” o foco primordial dessa pesquisa.

O título da pesquisa é uma referência direta a três obras: *O General em seu labirinto*<sup>12</sup> do escritor colombiano Gabriel García Márquez, *Como sair do Labirinto*<sup>13</sup> um manifesto político escrito por Hugo Chávez junto aos militares presos que haviam com ele tentado realizar um golpe de Estado em 1992 e *O labirinto da Solidão*<sup>14</sup> do escritor mexicano Octavio Paz. O livro de MÁRQUEZ é um romance que faz referência direta ao último ano de vida de Bolívar, apresentando-o em sua apatia por conta da doença e do resultado frustrado, segundo a visão do próprio Libertador, do projeto que ele idealizou para América Latina.

O manifesto político de co-autoria de CHÁVEZ referencia-se na obra de MÁRQUEZ por propor a saída desse labirinto que representou o final da vida de Bolívar na obra do escritor colombiano. O labirinto projeta-se assim como a frustração do ideal

---

<sup>7</sup> BORGES, A. **Venezuela**: originalidade e ousadia. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2005. p.07.

<sup>8</sup> A primeira eleição de 1998 em que assume a presidência em 1999, a segunda eleição em 2000, por conta da nova constituição aprovada no ano anterior a reeleição em 2006.

<sup>9</sup> Referendo revogatório feito em 2004 com intuito de destituir Chávez da presidência. Capitaneado pela oposição a Chávez, fundamentou-se no próprio texto da Constituição que garante a realização deste mediante a coleta e documentação de determinado número de assinaturas pela população. Foi derrotado e Chávez manteve-se no poder ALMADA, I. op. cit. p.93-97 passim.

<sup>10</sup> Tentativa de golpe realizada em abril de 2002, que manteve Chávez afastado da presidência durante quarenta e sete horas, fora derrotada por um levante popular-militar. SILVA, F. C. T. Prólogo. In: MARCANO, C; TYSZKA, A. B. **Hugo Chávez sem uniforme**. Rio de Janeiro: Editora Griphus, 2004. p. XV/XVI/XVII. Este episódio será aprofundado no capítulo 1.

<sup>11</sup> Alusão a transferência de poder.

<sup>12</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, G. **O General em seu labirinto**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Record, 1989.

<sup>13</sup> MELO, P. P. Imagens de Bolívar; das guerras de independência ao *chavismo*. **Liber Intellectus**, São Paulo, Vol 1, n 3, p. 1-15, julho 2008.

<sup>14</sup> PAZ, O. **O labirinto da solidão e post scriptum**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

bolivariano e dos erros políticos históricos que pesam sobre a Venezuela e a América Latina. O “eco” surgiu como a idéia de representação no presente do bolivarinismo e de sua apropriação mítica. O “eco” é assim reflexo, representação e apropriação. A obra de PAZ é referenciada pela sua natureza reflexiva, pois na década de cinquenta quando lançada, trouxe a tona a questão do imaginário e dos mitos nacionais mexicanos, da subjetividade do que seria ou não seria a nação mexicana, em um ensaio crítico e lúcido ele apontou para uma nova perspectiva na compreensão das “imagens” históricas e suas marcas na mentalidade de um país. *Ecos do labirinto* é a apropriação do mito bolivariano e a representação desse no imaginário nacional venezuelano.

A imagem de um Bolívar vivo ecoando no discurso de Chávez, que busca levar a nação a “sair do labirinto”, de um labirinto histórico, traz uma dúvida que incita a pesquisa: qual é o labirinto? E como ele está inserido no imaginário venezuelano? Essas questões apontam para algumas perspectivas que serão debatidas nos resultados finais desse trabalho, que se relacionam com as reflexões constituídas ao longo de sua elaboração, em um exercício ao mesmo tempo analítico e sensitivo. Para isso é fundamental a exposição do método utilizado no trabalho.

A pesquisa tem como objeto de estudo, Hugo Chávez e a Venezuela, no sentido da fabricação da imagem do governante e na mitificação das construções simbólicas a partir do político e no em torno dele. O desenvolvimento da pesquisa é norteado por dois objetivos. O primeiro objetivo é compreender a constituição do mito político bolivariano e sua força através de sua trajetória histórica. O segundo objetivo é realizar uma análise e compreensão do poder exercido por Hugo Chávez pelo prisma das formas simbólicas, a partir da fabricação de sua imagem pública <sup>15</sup>.

Os objetivos são as ferramentas primordiais que possibilitam responder o problema fundamental da pesquisa: Como Hugo Chávez constituiu e validou a imagem revolucionária ligada a uma mitificação nacional de viés antiimperialista e popular, dentro de todas as suas representações simbólicas, e tornou - lá útil como ferramenta na disputa política, em um contexto histórico adverso, com a hegemonia

---

<sup>15</sup> “A fabricação da imagem publica” será entendida a partir da obra de Peter Burke. Essas considerações em relação ao referencial de BURKE serão mais bem discutidas adiante.

política, econômica e cultural norte-americana; a urgência neoliberal; a filosofia individualista como meta social e a globalização apresentada como fato inevitável, marcando o imaginário político e social venezuelano e mundial?

Para responder essa questão deve-se atentar para a questão colocada pelo historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, que diz:

Um símbolo estabelece uma relação de significado entre dois objetos, duas idéias, ou entre objetos e idéias, ou entre duas imagens. Embora o estabelecimento dessa relação possa partir de um ato de vontade, sua aceitação, sua eficácia política, vai depender da existência daquilo que Baczko chamou de comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido. Inexistindo esse terreno comum, que terá suas raízes seja no imaginário preexistente, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio, se não no ridículo.<sup>16</sup>

Assim para se compreender a apropriação de Chávez da imagem de Bolívar e sua eficácia no terreno político, terá que se compreender a trajetória histórica desse mito, que tem suas raízes em um imaginário preexistente, e como se associa esse mito à fabricação do discurso e da biografia oficial de Chávez.

O caráter histórico da pesquisa reside no fato dela ser desenvolvida em reflexões que privilegiam a historicidade do objeto, a partir da análise dos acontecimentos em seu tempo e espaço, sempre apontando para as relações sociais e culturais como resultados de um processo histórico. A História construída pela narrativa da pesquisa está situada no Tempo Presente. Enquanto a pesquisa é realizada, Chávez ainda é o presidente da Venezuela. A questão que se abre é: Como fazer a história de um período cronológico tão próximo?

O ofício do historiador não passa necessariamente pela distância cronológica do objeto e do pesquisador, conforme nos diz o historiador francês Marc Bloch:

Alguns, estimando que os fatos mais próximos a nós são, por isso mesmo, rebeldes a qualquer estudo verdadeiramente sereno, desejavam simplesmente poupar à casta Clio contatos demasiado ardentes. Assim pensava, imagino, meu velho professor. Isto é, certamente, atribuir- nos um fraco domínio dos nervos. É também esquecer que, a partir do momento em

---

<sup>16</sup> CARVALHO, J. M.. **A formação das Almas**; o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Editora Schwarcz, 2005. p. 13



que entram em jogo as ressonâncias sentimentais, o limite entre o atual e o inatual está longe de se ajustar necessariamente pela média matemática de um intervalo de tempo [...] Na verdade, quem, uma vez diante de sua mesa de trabalho, não tiver a força de poupar seu cérebro do vírus do momento será bem capaz de destilar suas toxinas até num comentário sobre a *Ilíada* ou a *Ramayana*.<sup>17</sup>

Uma das acusações que vislumbram objetar os estudos históricos do Tempo Presente está centrada na indicação de uma possível aproximação sentimental entre o objeto e o pesquisador, que traria resultados permissivos para o desenvolvimento da pesquisa. Para BLOCH esse é um argumento insustentável, à medida que a proximidade no tempo não é necessariamente para ele o melhor termômetro para se mensurar as paixões embutidas na narrativa, que podem aflorar mesmo “num comentário sobre a *Ilíada*<sup>18</sup> ou a *Ramayana*<sup>19</sup>”.

A questão da subjetividade do pesquisador deve ser examinada a partir da pesquisa desenvolvida, da sua narrativa, não sendo a filiação ao Tempo Presente um fator de determinação última no julgamento. Outro historiador, Jean-François Sirinelli indica que: “Uma história serena não significa uma história asséptica [...]: assumir a subjetividade é meio caminho andado para controlá-la”<sup>20</sup>. Portanto o “mito da objetividade total” não pode ser assumido como crivo legítimo de escrutínio da escrita da História.

A importância da construção de uma História do Tempo Presente reside em fatores diversos, não obstante será destacada com especial entusiasmo as palavras do historiador francês Jean- Pierre Rioux, onde ele indica uma das funções do historiador do Tempo Presente, que segundo ele é: “[...] lutar contra uma massificação das efemeridades que mantêm uma temerária amnésia nas nossas sociedades”<sup>21</sup>. Como apontou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, dizendo que o esquecimento é fundamental para se transitar sem embaraço no eterno presente<sup>22</sup>,

---

<sup>17</sup> BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.61-62.

<sup>18</sup> Poema épico da antiguidade grega, que narra os últimos momentos da Guerra de Tróia. Sua autoria é atribuída a Homero

<sup>19</sup> [Épico sânscrito](#) atribuído ao poeta [Valmiki](#), parte importante do [cânon hindu](#).

<sup>20</sup> SIRINELLI, J. F. apud CHAUVEAU. A; TÉTARD. P. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p.29.

<sup>21</sup> RIOUX, J. P. Pode se fazer uma história do presente. In: CHAUVEAU. A; TÉTARD. P. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 44.

<sup>22</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

a amnésia coletiva como fundamento da vivência atual. Essa deve ser a principal trincheira para RIOUX, sobre a qual o historiador do presente deve combater, a “recusa do efêmero”, ou mesmo a luta contra os “esquecimentos” e as efemeridades do eterno presente.

Pieter Lagrou, historiador francês, destaca a necessidade de uma prática particular no estudo do Tempo Presente, de modo que ela seja radicalmente diferente daquela exercida em períodos mais antigos. Uma dessas peculiaridades desse campo de pesquisa seria para ele a própria proximidade cronológica do objeto de estudo ao pesquisador, podendo oferecer a esse, por exemplo, uma maior abundância e facilidade no acesso as fontes. LAGROU não descarta também as dificuldades que emergem por conta dessa proximidade, uma vez que o estudo histórico de um período próximo pode trazer ao pesquisador uma insegurança ao constituir sua análise e formular sua tese<sup>23</sup>.

Mais a frente no texto LAGROU entra no debate acerca da questão metodológica na prática da História do Tempo Presente, diz assim:

[...] é a quantidade das fontes escritas convencionais (arquivos, imprensa, narrativas) disponíveis que constitui nosso principal desafio de ordem metodológica. Na utilização e natureza das fontes consultadas, a prática da história do tempo presente é, de preferência, mais convencional que aquela dos períodos anteriores, nos quais a falta de fonte conduz à inventividade e à inovação metodológica.<sup>24</sup>

Para LAGROU a História do Tempo Presente tem como principal desafio metodológico o lidar com a riqueza e a imensidade das fontes disponíveis, muito mais do que se preocupar com uma inovação metodológica, da qual para ele esta relacionada às pesquisas voltadas a períodos com maior distanciamento temporal, visto que essa sofre por sua escassez de fontes (quanto mais distante mais inventivo tem de ser o historiador). Essa reflexão de Lagrou contribuiu diretamente para a pesquisa, uma vez que o objeto de estudo é extremamente abundante em suas fontes, Hugo Chávez faz quase “um discurso por dia”, ele é um personagem extremamente midiático. São publicadas anualmente pela imprensa oficial

---

<sup>23</sup> LAGROU, P. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PORTO, G. **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007. p.32-33.

<sup>24</sup> Ibidem. p.34-35

venezuelana dezenas de livros e folhetos que estão relacionados diretamente com sua biografia.

A análise de discurso é a ferramenta metodológica que dá suporte ao desenvolvimento da pesquisa, estando essa apoiada em dois tipos distintos de fontes: as biografias oficiais de Chávez ou da Revolução Bolivariana e as falas públicas de Chávez <sup>25</sup>. A escolha foi baseada no fato de ambas apresentarem uma natureza propagandística semelhante, fazendo-se assim a análise das duas categorias de documentos essenciais para o progresso da pesquisa. As fontes estão catalogadas nesses dois grupos que internamente foram organizados cronologicamente, tendo em vista a constituição da imagem pública de Chávez como um processo histórico e não apenas como algo dado, sem temporalidade.

As biografias sobre Chávez ou sobre a Revolução Bolivariana foram selecionadas a partir do ano de 2004, por conta das edições dos principais livros e folhetos, feitas a partir dos órgãos oficiais do Estado venezuelano. Delimitou-se o ano de 2008 como a fronteira final da conformação desse *corpus* documental, sendo o critério de secção cronológica das fontes, fundamentado em uma necessidade imposta pela própria disponibilidade dessas fontes, à medida que o desenvolvimento da pesquisa iniciou-se em 2008, e essas fontes em especial exigem uma maior dedicação analítica, por serem muito extensas (livros que podem chegar a mais de 500 páginas) e mesmo apresentarem uma infinidade de formatos (desde livros quase completamente desenhados, direcionados a um público semi-alfabetizado, até análises mais sofisticadas e complexas, visando um público erudito), sutilezas que tornaram essa empreitada um pouco mais complexa.

Em relação às biografias os critérios de seleção foram estes: apenas utilizar as biografias oficiais (que foram publicados pela imprensa oficial ou patrocinados por ela) e que foram disponibilizadas gratuitamente (o que de alguma maneira acentua seu caráter propagandístico).

---

<sup>25</sup> Toda a documentação é facilmente adquirida, por ser amplamente distribuída de forma gratuita, além de se encontrar as versões digitais dessas fontes no site do *Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Información* (<http://www.minci.gob.ve>), órgão oficial do Estado venezuelano.

O segundo grupo de fontes são os discursos públicos feitos por Chávez. Pelo recorte da pesquisa iniciam-se com sua posse em dois de fevereiro de 1999, ao passo que se fecham para a pesquisa em dois de fevereiro de 2009, sendo o marco final, o discurso de comemoração dos dez anos de governo. Fugiram dessa periodização duas fontes deste grupo: o discurso de quatro de fevereiro de 1992, no qual Chávez faz o seu primeiro pronunciamento público à nação venezuelana, por conta do fracasso de sua tentativa de golpe e sua conseqüente prisão. Também será inserido o texto publicado por Chávez um ano após a tentativa de golpe, em 4 de fevereiro de 1993, no qual ele faz uma análise e um balanço do golpe e da política venezuelana da época, estando ele nesse período no cárcere. A inserção destas duas fontes que fogem da periodização da pesquisa (1999-2009) fez-se necessário devido serem de extrema relevância na narrativa constituída pela pesquisa, contribuindo assim para uma melhor elucidação da ascensão da figura de Hugo Chávez no cenário político venezuelano.

Os critérios utilizados na seleção dos discursos de Hugo Chávez foram estes: eleger apenas os discursos em que ele associou-se de alguma maneira a imagem de Bolívar, dar preferência aos discursos que tiveram maior repercussão política, como por exemplo: os de posse e os proclamados na ONU, e por último os discursos que são amplamente distribuídos, que apresentam assim uma relevante função característica: a propaganda. Pode-se dar o exemplo da coletânea de discursos feitos por Chávez por conta do golpe de abril de 2002, intitulada de “*El golpe fascista contra Venezuela*”<sup>26</sup>. Coletânea essa que foi amplamente distribuída na Venezuela e para os movimentos sociais da América - Latina, tendo sido publicada até mesmo uma versão em inglês desta brochura.

Fora dos dois grupos de fontes, será utilizado a Constituição Venezuelana<sup>27</sup>, que foi aprovada em 1999, e que além de ser um texto refundador das instituições venezuelanas, tem um cunho profundamente simbólico, podendo ser considerado

---

<sup>26</sup> FRÍAS, H. C. **El golpe fascista contra Venezuela**. Havana: Ediciones Plaza, 2003.

<sup>27</sup> VENEZUELA. Constituição (1999). **Nueva Constitución de La Republica bolivariana de Venezuela**. Caracas: Gaceta Oficial, 1999.

uma das grandes conquistas políticas de Chávez <sup>28</sup>, porquanto não poderia ser deixado de fora do *corpus* documental da pesquisa.

Ao entrar nas fontes em primeira análise, a fim de mapeá-las em particular e em conjunto, observou-se a existência de uma consonância geral, uma preocupação direta dos autores em construir uma única e determinada imagem pública do governante, ou seja, existe uma coerência formal e oficial que orienta a política publicitária chavista. Mudam-se muito as formas e pouco o conteúdo. Essa coerência de discurso é a “senha” para se compreender o “espetáculo” político do governo de Chávez. Daí a importância de uma análise que leve em consideração não apenas um grupo exclusivo de fontes, mas tente abranger grupos mais amplos, o que traz uma compreensão mais profunda e holística do processo de fabricação e representação da imagem pública do soberano.

O antropólogo francês George Balandier ao discorrer sobre a possibilidade de formação na atualidade de um Estado “espetáculo”, em que a encenação e a teatralização tomam conta da política e do Estado, alerta que: “O que se encontra assim submetido à crítica, considerado como perversão, não é senão o aumento de uma propriedade indissociável das relações de poder”.<sup>29</sup> Assim o papel desempenhado por Hugo Chávez na política venezuelana, não pode ser visto como uma exceção, aberração ou exotismo, ao contrário, o exercício do poder e indissociável da teatralização do poder.

Ao atentar-se para as análises do sociólogo estadunidense Erving Goffman percebe-se que não apenas o poder está submerso na encenação e nas manipulações e apropriações simbólicas (na teatralização e representação), mas a própria vida cotidiana, o dia-a-dia está repleto de personagens, e as vidas das pessoas são formas de representação, ao qual GOFFMAN conceitua como representações do eu no cotidiano <sup>30</sup>. A política não é assim um *locus* privilegiado da teatralização, ela é apenas mais uma esfera da vida social que abriga as relações de representação, como todas as outras esferas sociais. Em um artigo sobre o conceito do mito político

---

<sup>28</sup> MARINGONI, G. **A Venezuela que se inventa**: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 59-60.

<sup>29</sup> BALANDIER, G. **Poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. p.08.

<sup>30</sup> GOFFMAN, E. **A representação do eu no cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

o filósofo Luis Felipe Miguel resume bem a questão da representação e da política: “O mito é uma manifestação intensa do irracional na vida política, mas não seu local exclusivo, pois aspectos de irracionalidade permeiam todas as atividades políticas, e a vida social em geral aliás”<sup>31</sup>.

O político segundo o antropólogo brasileiro Fernando Mourão: “[...] comanda o real através do imaginário num espetáculo em que as cenas se sucedem [...]”<sup>32</sup>. Pode-se compreender alguns mecanismos da “magia” e do “encanto” das imagens sobre a vida das pessoas e segundo BALANDIER: “É preciso encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles a governar as imagens e a não suportar que elas sirvam à captura de sua liberdade”<sup>33</sup>. A análise da dimensão simbólica das relações de poder e a observação dos efeitos dessa teatralização possibilitam um desencantamento no sentido de instrumentalizar a crítica da manipulação política dessas formas simbólicas.

A pesquisa está centrada em uma realidade histórica do presente, tendo como foco o poder. O filósofo inglês Bertrand Russell propõe uma diferente experiência analítica na História e nas Ciências Sociais, em que o poder deve ser compreendido como centro conceitual das análises. Ele diz que:

Só entendo que o amor ao poder é a causa das atividades importantes nos assuntos sociais, e que a história, antiga ou moderna, pode ser corretamente interpretada [...] o conceito fundamental em ciências sociais é o Poder, no mesmo sentido que a Energia é o conceito fundamental em física. Como a Energia, o Poder tem muitas formas, como riqueza, armamentos, autoridade civil, influência sobre a opinião.<sup>34</sup>

Esta pesquisa mantém sintonia direta com o pensamento de RUSSELL, ao colocar o poder no centro da análise histórica, contudo, complementa as formas de poder propostas por RUSSELL, ao indicar outra dimensão do Poder, a dimensão simbólica.

---

<sup>31</sup> MIGUEL, L. F. Em torno do conceito de mito político. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 41, n. 3, p.10, 1998.

<sup>32</sup> MOURÃO, F. Prefácio. In: BALANDIER, G. **Poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. p. 03.

<sup>33</sup> BALANDIER, G. op cit. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. p. 78.

<sup>34</sup> RUSSEL. B. **O poder**: uma nova análise social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 09.

Essa dimensão simbólica do poder será estudada a partir da fabricação da imagem pública do soberano. Essa idéia poderá ser mais bem compreendida através da apresentação da leitura do historiador britânico Peter Burke. Ele estudou em sua obra o reinado de Luís XIV da França. Ele alerta que sua obra não será mais uma biografia do rei, e que ela está menos voltada para o homem do que para sua imagem pública e o lugar que esta ocupou no imaginário coletivo.<sup>35</sup>

O trabalho de BURKE, segundo suas palavras, “é uma contribuição para a História da comunicação”: da produção, da circulação e da recepção das formas simbólicas<sup>36</sup>. Ele prossegue dizendo não ser restrita sua análise histórica ao caso do rei Luís XIV e a da França do século XVII, mas que pretende realizar um estudo mais amplo, que não se encerre em si. É um estudo de caso segundo BURKE, em relação à “arte e poder” e a “fabricação de um grande homem”<sup>37</sup>. Sendo que somente a fabricação do grande homem interessa diretamente aos propósitos dessa pesquisa

A idéia de “fabricação da imagem pública” presente de maneira literal no título da obra de BURKE, e que está diluída em toda sua narrativa, segundo ele, não pode ser compreendida como uma ferramenta de demolição do soberano, de sua imagem e do seu ser, e nem mesmo é um apontamento sobre uma possível artificialidade da monarquia francesa. O que levou a adotar essa idéia de “fabricação”, segundo ele, foi que nela está inserida outra idéia, a de processo, sugerindo a importância dos efeitos dos meios de comunicação no mundo. Da fabricação ou construção “simbólica da autoridade” pelos meios de comunicação e todo o processo de difusão e recepção.<sup>38</sup>

BURKE aponta certo exagero no distanciamento entre as relações de comunicação entre o século XVII e a atualidade, ele diz que: “o contraste entre o que poderíamos chamar de “governantes eletrônicos” e seus predecessores foram exagerados”<sup>39</sup>. Na última frase de sua obra, BURKE resume bem a relação entre sua pesquisa e as pesquisas que tratam das autoridades políticas do presente (século XX, mas

---

<sup>35</sup> BURKE, P. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Ibidem.

podemos estender ao início do XXI), “O contraste entre os líderes do século XVII e os do século XX não é um contraste entre retórica e verdade. É um contraste entre dois estilos de retórica”.<sup>40</sup>

A importância da compreensão do imaginário político e da simbologia do poder na Venezuela de Chávez ultrapassa a fabricação de sua imagem pública, chegando a moldar os aspectos institucionais daquele país. Podemos citar como exemplo a Constituição Bolivariana da Venezuela aprovada em 1999. Diz assim a constituição em seu preâmbulo:

El pueblo de Venezuela, en ejercicio de sus poderes creadores e invocando la protección de Dios, el ejemplo histórico de nuestro Libertador Simón Bolívar y el heroísmo y sacrificio de nuestro antepasados aborígenes y de los precursores y forjadores de una patria libre y soberana;<sup>41</sup>

Conforme seu primeiro artigo:

La República Bolivariana de Venezuela es irrevocablemente libre e independiente y fundamenta su patrimonio moral y sus valores de libertad, igualdad, justicia y paz internacional, en la doctrina de Simón Bolívar, el Libertador.<sup>42</sup>

Fica claro nessas passagens iniciais do texto constitucional a ponte existente entre a estruturação institucional do país e o imaginário político da nação, fundamentada no que seus codificadores chamam de “*la doctrina de Simón Bolívar*”. Assim pode-se observar como a estruturação institucional está submetida à pauta do simbolismo bolivariano, uma vez que a Constituição é a balizadora de todas as ações legais e de Estado. Apesar da pesquisa se limitar a construção da imagem pública de Hugo Chávez sobre os auspícios bolivarianos, um estudo mais profundo em relação às instituições venezuelanas e sua relação com essa determinada filiação simbólica,

---

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> O povo da Venezuela, no exercício dos seus poderes criativos e invocando a proteção de Deus, o exemplo histórico do nosso Libertador Simón Bolívar e do heroísmo e sacrifício de nossos antepassados aborígenes e dos precursores e criadores de uma pátria livre e soberana; VENEZUELA. Constituição (1999). **Nueva Constitución de La Republica bolivariana de Venezuela**. Caracas: Gaceta Oficial, 1999. p. 01.

<sup>42</sup> A República Bolivariana da Venezuela é irrevogavelmente livre e independente, fundamenta a sua propriedade moral e seus valores da liberdade, da igualdade, a justiça e paz internacional, na doutrina de Simón Bolívar, o Libertador. Op, cit. p. 02.



teria grande relevância, e contribuiria para uma maior e melhor compreensão dos processos políticos desenvolvidos na Venezuela dos últimos anos.

A pesquisa está dividida em cinco partes:

- Imaginário e mito político.
- Imagens de Bolívar: o mito bolivariano e a História do poder na Venezuela.
- Hugo Chávez, o libertador reencarnado? A biografia e a fabricação do soberano.
- Bolívar: a senha de acesso ao imaginário político.
- Considerações finais.

A primeira parte tem como finalidade apresentar os debates acerca do conceito de imaginário e mito político, que são centrais na constituição teórica da pesquisa. Na segunda parte será feita uma passagem pela história do poder na Venezuela, tendo como foco a mitificação e o culto a Bolívar. A terceira parte terá como objetivo constituir uma relação entre a trajetória de vida de Chávez, as biografias oficiais e a fabricação de sua imagem, por meio da associação ao mito do libertador. A quarta parte da pesquisa irá adentrar nas falas de Chávez, buscando a sua estruturação mítica, e a função desse mito na retórica. Por fim será elaborado um resumo apresentando os resultados finais da pesquisa.

Ao discorrer sobre a dimensão simbólica do poder na Venezuela, tem-se a consciência de se adentrar em um terreno que alia política e cultura, e que como país soberano a Venezuela tem toda sua particularidade e complexidade histórica, mas por fazer parte do continente latino americano, traz na sua historicidade uma relação genética quase unívoca com o continente, por suas raízes políticas e culturais. Essas raízes, fundadas na árvore do passado colonial, relegaram frutos a história posterior, mas esses frutos ganharam particularidades irremediáveis, assim não podem obscurecer a trajetória histórica de cada região frente ao continente. O historiador portenho Túlio Halperin Donghi<sup>43</sup>, ao se questionar sobre “as tantas Américas Latinas”, observa que uma história do continente tem de se fazer a partir

---

<sup>43</sup> DONGHI, T. H. **História da América Latina**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1979. p.07.

da pluralidade deste, e que as proximidades devem estar fundamentadas pelas análises particulares (ao menos é isso que ele faz). Dentro dessa perspectiva, fazer um estudo sobre a Venezuela é uma contribuição direta para a história do continente tanto pelo contraste quanto pela unidade.

## 2 IMAGINÁRIO E MITO POLÍTICO

*A sedutora miragem do distante mostra-nos paraísos que desvanecem, semelhantes a ilusões de óptica, assim que nos deixamos arrebatados por ela. A felicidade reside sempre, portanto, no futuro, ou ainda no passado, e o presente parece ser uma nuvenzinha escura que o vento empurra sobre a planície ensolarada; na frente e atrás dela, tudo é claro; sozinha, não cessa ela própria de projetar uma sombra.*

(Arthur Schopenhauer)<sup>44</sup>

O imaginário ressurgue cada vez mais como uma área de interesse de nossa sociedade, em ressonância com o tema do mito e da problemática em torno do símbolo. Entrou-se na contemporaneidade em uma zona de “alta pressão” imaginada, desdobrando-se em uma atração do pensamento contemporâneo a “Galáxia do Imaginário”<sup>45</sup>. Compreender o imaginário é compreender uma das partes fundamentais da constituição de uma sociedade, nela podemos encontrar os sentimentos que extrapolam a racionalidade, tanto nos aspectos cotidianos quanto na historicidade do poder, segundo José Murilo de Carvalho:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.<sup>46</sup>

O imaginário poder ser “encontrado” em todos os vestígios da sociedade, o que abre as portas para um campo amplo nas investigações próprias das ciências humanas, segundo os sociólogos Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard e Patrick Tacussel:

Todos os documentos, iconográficos ou textuais, comportam uma parte do imaginário, assim como todos os discursos. Toda expressão humana, pois carrega consigo as marcas, mesmo ínfimas, da imaginação criadora [...] mesmo a criação individual mais modesta e mais banal, como, por exemplo, um desenho de criança, está impregnada de um sentido coletivo.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação (III parte) ; Crítica da filosofia kantiana ; Parerga e Paralipomena (capítulos V, VIII, XII, XIV)**. 3. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.

<sup>45</sup> DURAND, G. O retorno do mito: introdução a mitologia. Mitos e sociedades. **Famecos**, Porto Alegre, n. 23, p. 07, 2004.

<sup>46</sup> CARVALHO, J. M. Op. cit. p.10.

<sup>47</sup> LEGROS, Patrick. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 108-109

Estudar os “vestígios” que compõem o imaginário é buscar uma perspectiva, uma visão, não se pode ter a ingenuidade de que irá se chegar a respostas conclusivas, pode se refletir e interpretar “os imaginários”, mas nunca limitá-los a explicações finais, segundo LEGRO:

O pesquisador deve se contentar em realçar as relações entre o que já é uma interpretação, aquela da realidade distinguida do imaginário. Ele sabe, incontestavelmente, que só resgata da realidade dos imaginários sociais um produto filtrado, no melhor dos casos, uma boa tradução do universo social que está estudando.<sup>48</sup>

Essa pesquisa está inserida na investigação de um tipo específico de imaginário, o imaginário político. O imaginário político é uma importante área de estudo que tradicionalmente é excluído das pesquisas no campo da História das Idéias Políticas<sup>49</sup>. Os trabalhos nesse campo de estudo, sempre estiveram presos a um limite e constância, que segundo o historiador Raoul Girardet, reside na “[...] desconfiança, obstinada em relação ao imaginário [...] a análise se acha sempre, ou quase sempre, reduzida ao exame de certo número de obras teóricas [...]”<sup>50</sup>. Assim as pesquisas não ultrapassam as margens do pensamento político organizado, constituído sempre por obras clássicas, e, quando adentram na esfera do sonho, não vão para além de seu modelo formal. GIRARDET diz que: “O sonho só é levado um pouco em consideração quando exprime na forma tradicional do que se convencionou chamar de utopia, ou seja, de um gênero literário bem determinado [...]”<sup>51</sup>

A crítica que GIRARDET faz aos limites convencionais, que tradicionalmente se estabeleceram no campo das Idéias Políticas, não tem um caráter contestatório, de negar a importância que este campo de estudo têm, mais apresenta um “[...] esforço de alargamento do domínio por assim dizer profissional [...]”<sup>52</sup>. Para ele o imaginário político é uma nova fronteira a ser explorada dentro do campo das Idéias Políticas, sendo que tais contribuições vêm para somar e não para superar.

---

<sup>48</sup> Ibidem. p. 110

<sup>49</sup> GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.09.

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Ibidem. p.10

<sup>52</sup> Ibidem.

A importância das reflexões em torno do imaginário político e da mitologia política escapa a mera contemplação, trazendo consigo indícios importantes para a compressão das sociedades como um todo. GIRARDET diz que:

[...] o imaginário político não se furta por isso a toda tentativa de reflexão geral. Para quem aceita reinseri-las na trama de uma história global de nossas sociedades contemporâneas, e interrogar-se tanto sobre as condições de sua gênese e de seu desenvolvimento quanto sobre as suas funções que elas são chamadas a cumprir, as manifestações desse imaginário tendem mesmo a adquirir o valor de um verdadeiro revelador.<sup>53</sup>

Para se desenvolver uma narrativa histórica do imaginário político na América Latina, não se pode perder de vista a gênese e a legitimidade do poder, que em muitos casos se encontram fundados em imagens míticas do passado. Para a economista chilena Maria Lagos: “En América Latina, los liderazgos se han basado, muchas veces, en mitologías construídas en torno de personajes históricos”<sup>54</sup>. Sendo que essas lideranças: “negativas o positivas, pueden ser creados por literatura o los médios de comunicación”<sup>55</sup>. A pesquisa está centrada na mitologia, construída a partir dos meios de comunicação, mais especificamente os discursos do próprio soberano (Hugo Chávez) e da propaganda estatal oficial.

A natureza da liderança política remete-se para Lagos na constituição do mito, já que este está presente no imaginário e nas expectativas do povo, assim se manipula os símbolos buscando sempre a sintonia com as aspirações populares, pois somente a manipulação eficiente do mito, poderá trazer resultados positivos na ascensão ou perpetuação do poder <sup>56</sup>. O líder tem assim que ler, interpretar e penetrar no imaginário popular, conquanto, estes três “vetores” fundamentam a prosperidade ou não do governo pretendido ou mantido.

Compreender a gênese e a trajetória desse mito político no transcurso da história da Venezuela é essencial, por auxiliar na tarefa de desvelar algumas características da formação do imaginário político nacional, estando este na raiz da problemática do

---

<sup>53</sup> Ibidem. p.179

<sup>54</sup> Na América Latina, os líderes são baseados, muitas vezes, em mitologias construídas em torno de figuras históricas. LAGOS, M. A apearance de La fantasia: Hugo Chávez y los liderazgo en América Latina. **Nueva Sociedad**, Lima, n. 200, p.92, 2006.

<sup>55</sup> [...] positivas ou negativas, podem ser criados pela literatura ou nos meios de comunicação. Ibidem.

<sup>56</sup> Ibidem. p. 96

bolivarianismo chavista em sua dimensão simbólica. Essa compreensão será feita através da apresentação e da análise dos jogos e da manipulação do poder, da cultura e do imaginário social ao longo de toda história política venezuelana. Trata-se de se historicizar o mito, pois assim poder-se-á alcançar a amplitude de sua força, compreendendo seu ressurgimento, sua inserção cultural histórica, suas funções e adaptações nas mãos de Hugo Chávez na contemporaneidade.

A pesquisa realizará um sobrevôo pela história da Venezuela a partir do mito bolivariano e suas representações. Mas para isso tem-se que determinar o que é um mito político. A primeira questão a ser questionada é se o mito é uma condição típica ou não das sociedades. Em artigo sobre o mito bolivariano, Nelly Arenas e Luis Gómez Calcaño dizem que:

La existencia de los mitos se inscribe en la superficie de lo colectivo. Donde hay sociedad hay mito [...] Las contrucciones míticas son inherentes a la condición humana y la condición humana no es tal sin el referente de coletividade.<sup>57</sup>

O mito está inserido na realidade contemporânea, tão como foi nas ditas sociedades “primitivas”<sup>58</sup> (termo passível de questionamento), por ser inerente a própria condição humana. Como o mito tradicionalmente é parte integrante do universo da cultura das sociedades, o mito político é parte inexorável da cultura e do poder.

Outra questão que deve ser levantada ao se tratar do mito político é: Por que não enveredar a pesquisa sobre a “tradição bolivariana” pelos caminhos do conceito de ideologia, em contraste ao mito, já que a ideologia constitui o conceito mais usual no campo das idéias políticas?

Para responder essa questão fez-se necessário delimitar a fronteira entre os conceitos de mito político e de ideologia. O filósofo britânico Terry Eagleton pode auxiliar nesta tarefa, conforme ele diz:

---

<sup>57</sup> A existência dos mitos se inscreve na superfície do coletivo. Onde existe sociedade, existe mito [...] As construções míticas são inerentes a condição humana, e a condição humana não existe sem a tal referência coletiva. ARENAS, N; CALCANÓ, L.G. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad Del pueblo. **América Latina Hoy**, Salamanca, n. 39, p. 168, 2004.

<sup>58</sup> BOECHAT, W. **Mitos e Arquétipos do homem contemporâneo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. p.10

O mito e a ideologia são mundos de significado simbólico com funções e efeitos sociais, mas mito é manifestamente o termo mais abrangente, já que gira em torno das grandes questões “metafísicas” do nascimento, sexualidade e morte, das grandes ocasiões, locais e origens sagradas. As ideologias geralmente são formas mais específicas, mais pragmáticas de discurso, que podem abranger questões tão portentosas, mas que as relacionam mais diretamente com questões de poder [...]. Os mitos podem não legitimar o poder político tão diretamente quanto às ideologias, mas, à maneira da *doxa* de Pierre Bourdieu, podem ser vistos como naturalizando e universalizando uma estrutura social particular, tornando impensável qualquer alternativa a ela.<sup>59</sup>

EAGLETON aponta para o que considera a aproximação e a separação entre mito e ideologia. A aproximação está em que ambos são “mundos” simbólicos com funções e efeitos sociais. A distância, inicialmente para EAGLETON, reside no fato do mito girar sobre as grandes questões “metafísicas”, enquanto as ideologias servem aos discursos mais diretamente ligados ao poder (delimitando o seu sistema de valor e mobilizando os grupos e indivíduos para a ação e para a legitimação). Isso por si só, desqualificaria qualquer possibilidade de se conceituar um mito político efetivo, pois ele seria apenas uma ideologia mal interpretada. Mais a frente, porém, a partir da reflexão do sociólogo Pierre Bourdieu, EAGLETON, admite que os mitos, apesar de não terem a “eficiência” da ideologia, “podem ser vistos como naturalizando e universalizando uma estrutura social particular”. Aqui pode-se observar uma das características do mito frente à ideologia: o seu poder de naturalização e universalização muito mais abrangente. EAGLETON continua a reflexão:

Para qualificar-se como mito, a crença teria de ser amplamente compartilhada e refletir algum investimento psicológico significativo da parte de seus adeptos [...] As figuras ou eventos míticos são os que estão imbuídos de uma aura especial: são fenômenos privilegiados, exemplares, maiores que a vida, que destilam de forma peculiarmente pura algum significado ou fantasia coletiva [...].<sup>60</sup>

EAGLETON indica que para ser reconhecida como mito a crença deve ser amplamente compartilhada e refletir um investimento psicológico dos sujeitos submetidos, algo intrínseco ao caso bolivariano<sup>61</sup>. A imagem de Bolívar como exemplo maior, superior e acima de qualquer outro, aparece constantemente nas invocações e representações históricas de sua imagem. A partir da reflexão de

---

<sup>59</sup> EAGLETON, T. **Ideologia**: Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997. p.166.

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Isso ficará mais claro no Capítulo 2.

EAGLETON fica muito difícil delimitar o bolivarianismo entre mito ou ideologia, pois de um lado o bolivarianismo preenche todos os requisitos que compreendem a natureza do mito: é uma crença altamente compartilhada, tem raízes psicológicas profundas na consciência dos indivíduos que a compartilham (alto grau de significação), tem caráter exemplar e aparência genuína. Por outro lado ele entra para história venezuelana a partir de seus efeitos e sua manipulação na esfera do poder, o que para EAGLETON é uma característica própria da ideologia.

Percebe-se que EAGLETON trabalha a mitologia política com bastante cautela, pois apesar de constituir uma delimitação conceitual do mito, e diferenciá-lo da ideologia, ele deixa passar, o que para o historiador Peter Burke é essencial na compreensão do mito, a sua função política, a “realidade do mito”, como legitimador do poder através da formação de sua imagem “[...]. Relendo o mito de uma perspectiva diretamente ligada a sua “funcionalidade”, Burke atenta-se para os efeitos desse mito, sobretudo ao universo da política [...]. Eagleton, ao constatar que o mito não tem tanta efetividade nas questões do poder, acaba por não observar a preciosidade que reside no que ele mesmo designa como a “aura especial” do mito, a sua função exemplar, segundo suas próprias palavras, que “destilam de forma peculiarmente pura algum significado ou fantasia coletiva”. Para Burke o fato do mito ter essa aparência pura, “aura especial” e influir na formação de uma “fantasia coletiva”, é o que faz do mito um das ferramentas mais eficientes disponíveis no campo da política.

Assim pode-se delimitar o bolivarianismo no campo da mitologia política, pois ao mesmo tempo em que responde as características essenciais apresentadas por Eagleton, o mito não se invalida por se tornar objeto e instrumento de ação, manipulação e combate na luta e na manutenção do poder ao longo de sua história, pois como aponta Burke, essa é uma de suas principais características.

A historiadora Vânia Maria Losada Moreira atenta que: “Não seria demais lembrar o quanto o passado habita o presente”<sup>62</sup>. Está constatação nos lança sobre as

---

<sup>62</sup> MOREIRA, V.M.L. O passado e as argumentações políticas do presente. Revista de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, n.6, p.105, 1998.



reflexões de Karl Marx sobre os fantasmas que habitam o presente por meio das máscaras e da “teatralização” da história:

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionarem-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada. Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789-1814 vestiu-se alternadamente como a República Romana e como Império Romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793-1795.<sup>63</sup>

Ao longo da história da Venezuela, Bolívar como um “espírito do passado”, é vez ou outra, invocado para emprestar seu capital simbólico a um novo dirigente político, que não se furta de “vestir-se” de libertador e “desembainhar sua espada”, como se fosse o herdeiro direto de suas ações e pensamentos.

No século XIX, MARX, observou negativamente a figura de Bolívar, e toda a “história” em torno do libertador da América Latina. Marx enxergava o surgimento de um mito político, que dentro de sua perspectiva era extremamente alienante. Marx era enfático em desprezar qualquer pensamento que considerasse irracional. Em artigo publicado em 1860, ele escreve:

[...] A força criadora de mitos, característica da fantasia popular, em todas as épocas tem provado sua eficácia inventando grandes homens. O exemplo mais notável deste tipo é sem dúvida alguma Simón Bolívar [...]<sup>64</sup>

MARX dois anos antes já havia feito outro artigo com vistas a desmascarar a “ilusão” que representava o Libertador<sup>65</sup>. Tradicionalmente os marxistas sempre trilharam os pensamentos deixados por MARX em torno da mítica política, ou em suas palavras, da “fantasia” política. A principal tarefa do marxista era assim desmascarar o mito, auspiciando revelar a “verdade” histórica por trás dele.

---

<sup>63</sup> MARX, K. **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, 1974. p.335.

<sup>64</sup> Ibidem. **Contribuição para uma história da América Latina**. São Paulo: Edições Populares, 1982. p. 51.

<sup>65</sup> Ibidem. p. 39-50.

Na mesma direção de MARX, de desqualificar o mito político, mas com muito mais profundidade, temos as reflexões feitas na década de quarenta do século XX pelo filósofo alemão Ernst Cassirer. Ele dedicou-se a compreender o fenômeno do mito dentro de toda sua complexidade, diferente de MARX que via no mito apenas um adversário da “verdade” histórica que facilmente poderia ser desmascarado, CASSIRER observava as grandes dificuldades na luta para findar os mitos políticos:

Está para além da Filosofia destruir os mitos políticos. Em certo sentido o mito é invulnerável. É impenetrável aos argumentos racionais; não pode ser refutado por silogismo. Mas filosoficamente pode prestar-nos outro serviço importante. Pode fazer-nos compreender o adversário. É esse um dos primeiros princípios da boa estratégia. Conhecê-lo não é apenas conhecer seus efeitos e fraquezas; é também conhecer sua força <sup>66</sup>.

CASSIRER admite não ter esperança na possibilidade de “destruição” dos mitos políticos, mas acredita que a filosofia, pode traçar bons avanços no sentido de controlá-los, ao tornar possível conhecer sua natureza. Outra diferença que separa o pensamento de MARX com o de CASSIRER é o fato de MARX crer que o mito político é o resultado espontâneo da ignorância popular, e que sua manipulação política só ocorre após sua consolidação. Cassirer pensa de maneira oposta, conforme diz:

Os novos mitos políticos não crescem livremente; não são frutos bravios de uma imaginação exuberante. São coisas artificiais fabricadas por artesãos hábeis e matreiros. Estava reservado ao século XX, à grande era da técnica, desenvolver uma nova técnica do mito <sup>67</sup>.

CASSIRER faz uma consideração importante sobre a natureza do mito, mais especificamente a relação, entre o mito, o sujeito que vive o mito e o observador externo (que pode ser o pesquisador), ele diz:

[...] olhamos para o mito mesmo, para o que ele é e como aquilo que sabe que é, então reconhecemos que lhe é estranha exatamente essa separação do ideal e do real, essa cisão entre um mundo do ser imediato e um mundo da significação mediata, essa oposição entre “imagem” e “coisa”. Apenas nós, os espectadores, que não mais estamos nem vivemos no mito, mas

---

<sup>66</sup> CASSIRER, E. **O mito do estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1976. p. 314.

<sup>67</sup> Ibidem. p. 300.

que nos voltamos para ele de modo meramente reflexivo, é que efetuamos nele essa separação.<sup>68</sup>

Não se pode esquecer que para CASSIRER, a “idéia” ou conceito de mito, é exterior aos sujeitos que nele vivem. Assim o mito só pode se tornar uma categoria plausível e suscetível de análise, a partir de uma reflexão externa, na sua objetivação teórica.

O cientista político estadunidense Harold Dwight Lasswell que também se aventurou nas reflexões sobre o mito, foi contemporâneo de CASSIRER, e compartilhou com ele uma visão parecida sobre a criação e manipulação do mito político contemporâneo, ele diz que: “Consiste ele dos símbolos invocados não apenas para explicar, mas também para justificar práticas específicas do poder”<sup>69</sup>. Mas LASSWELL distancia-se do filósofo alemão, ao não imbutir toda a carga negativa e de perversidade sobre o mito (sua função alienante), ou mesmo elegê-lo como um adversário da humanidade, como fez CASSIRER e MARX.

O semiólogo francês Roland Barthes, nos anos cinquenta constitui uma reflexão sobre o mito, apontando sempre para a sua capacidade de mistificação e distorção da realidade. Ele afirma que o mito tem a função, e o é usado para “deformar” a realidade. Há uma utilização extensiva das mitologias e do mito, em formas codificadas na imprensa, nas artes e na publicidade. Apesar de não tratar o mito especificamente no campo da política, BARTHES o faz a partir de uma relação de dominação (entre o manipulador e o manipulado), que pode ser compreendido no campo do poder<sup>70</sup>. BARTHES assim como MARX e CASSIRER, aponta para o sentido mistificador do mito, sua capacidade de fabular e alienar os indivíduos e o coletivo, destacando a perversidade dessa relação, e como ela faz parte de uma rede ligada diretamente aos interesses dos grupos dominantes, relacionados diretamente com o sistema econômico e político.

Essas visões profundamente céticas e negativas acabam por tirar do mito suas raízes populares e sua origem cultural. O mito não nasce da obra de espertalhões políticos, que presumivelmente os criam e impõe a revelia dos contextos históricos.

---

<sup>68</sup> CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas II: o pensamento mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 77-78.

<sup>69</sup> LASSWELL, H. D. **A Linguagem da política**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1982. P.

12

<sup>70</sup> BARTHES, R. **Mitologías**. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1999.

Os mitos fazem parte da cultura, e não podem ser inventados e “desinventados” tão facilmente, eles são utilizados e manipulados pelo poder, mas permanecem fincados dentro dos limites culturais e históricos, não sendo meras marionetes fabricadas por uma engenharia política caprichosa. Para fundamentar este argumento, retorna-se aos debates estabelecidos pela obra de BURKE.

BURKE apresenta duas visões opostas sobre o processo de manipulação das formas simbólicas pelos artífices do poder e pelo soberano. A primeira seria a que ele designa como visão cínica, que observa as representações simbólicas da política como um simples meio de manipulação e distorção da realidade, que tem por fim a manutenção e o alargamento do poder por aqueles que os detêm <sup>71</sup>, como nos exemplos de MARX, CASSIRER e BARTHES. A segunda visão é a que ele chama de inocente, que observa nessas representações, apenas uma resposta das necessidades psicológicas de determinada cultura, esses acusam os cínicos de reducionismo. Os inocentes para BURKE partem do princípio que as representações construídas pelo soberano, não são instrumentos de manipulação e nem fraude, mas contém um fim em si mesmo, uma resposta psicológica coerente feita a partir da cultura em que se desenvolveu <sup>72</sup>.

Junto à crítica que faz às duas visões opostas, BURKE busca uma saída. Para ele a melhor alternativa foi constituir uma síntese de parte de cada uma dessas interpretações. Ele apresenta sua solução: o soberano tem consciência do poder de manipulação dos símbolos, mas os objetivos dessa manipulação são retirados do repertório oferecido pela cultura de seu tempo <sup>73</sup>.

Em outra perspectiva, observada a partir do debate aberto pelo marxista “heterodoxo” francês George Eugène Sorel, no início do século XX. SOREL fez uma revisão desse conceito no interior do marxismo. Sua obra gerou muita polêmica ao propor uma leitura que trazia à tona a funcionalidade do mito político como agente

---

<sup>71</sup> BURKE, P. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Ibidem.

válido na luta pelo poder<sup>74</sup>. Segundo SOREL o mito político é uma arma eficiente na luta política, cumprindo o papel de mobilizador, sendo a força motriz impulsionadora de qualquer movimento histórico ou revolucionário <sup>75</sup>. Podemos constatar na Venezuela que os processos de mudanças radicais, que caracterizam a política nacional desde a emancipação de 1830, de alguma maneira foram incitados e legitimados por aspirações coletivas que se embasavam em um mito.

Si algún elemento favoreció a las élites criollas em el trabajo de integración nacional, colaboró em la difícil tarea de construcción simbólica de Venezuela, é se fue la existencia del mito, la pertinaz recurrencia al culto desde los mismos primeros años de independencia em los que José Antonio Páez, presidente de la República, comienza a preparar en 1833 la traída de los restos del "Padre de La Patria" a suelo venezolano. Sin duda, independientemente de otros factores, los venezolanos comenzaron a reconocerse partícipes de una cultura, portadores de un común sentimiento y herederos de una misma historia, a partir de la comunión em el mito bolivariano y la fidelidad a um mismo culto.<sup>76</sup>

O mito não se apresenta apenas como uma força motriz das transformações políticas e das revoluções, para Nelly Arenas e Luis Gómez Calcaño, o mito assume o papel de fundador da nação, como um elemento de solidificação do sentimento de unidade nacional, como o ponto de partida da formação da Venezuela não apenas nas linhas arbitrárias dos mapas e da repartição territorial-política, mas nos corações e mentes daqueles que a partir do mito viram-se como venezuelanos, formando uma comunidade imaginada<sup>77</sup>. A consolidação do Estado independente e soberano da Venezuela deu-se com os pés fincados na mitologia, calcada na imagem de Bolívar.

Uma importante reflexão sobre os debates acerca do conceito de mito político foi feita na década de oitenta do século XX por Raoul Girardet. Sua obra foi elaborada a

---

<sup>74</sup> BOTTOMORE, T. B. **Diccionario do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 361-362

<sup>75</sup> SOREL, G. **Reflexiones sobre la violencia**. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, s/d.

<sup>76</sup> Se algum elemento favoreceu a elite crioula no trabalho de integração nacional, colaborou na difícil tarefa de construção simbólica da Venezuela, ele é a existência do mito, persistente recorrência o culto desde os primeiros anos de independência em que José Antonio Páez, presidente da República, começou a preparar, em 1833, o transporte dos restos mortais do "Pai da Pátria" para a Venezuela. Sem dúvida alguma, independentemente de outros factores, venezuelanos começaram reconhecer como partes de uma cultura, portadores de um senso comum e os herdeiros de uma mesma história, a partir da comunhão no mito bolivariano e da fidelidade a um único culto. ARENAS, N; CALCANÕ, L.G. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad Del pueblo. **América Latina Hoy**, Salamanca, n. 39, p. 170, 2004.

<sup>77</sup> ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Ed. 70, 2005.

partir da leitura do conceito de mito político em toda sua trajetória histórica. GIRARDET apresenta uma teoria completa sobre o mito político, uma contribuição genuína nesse campo de estudo.

A principal constatação que GIRARDET faz sobre a natureza do mito político, é que ele se constitui de três partes fundamentais, das quais os autores e obras clássicas quase que sempre optavam apenas por uma ou outra dessas características, acentuando-a e relegando as outras. Conforme ele diz, são as três partes constitutivas do mito:

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções. De fato, é em cada um desses planos que se desenvolve a mitologia política, é em função dessas três dimensões que se estrutura e se afirma [...] <sup>78</sup>

Através da compreensão dessas três dimensões, sobre a qual se estrutura o mito político: a fabulação da realidade, a chave explicativa do presente e o mobilizador social; será desenvolvida a pesquisa, sempre considerando essas categorias reflexivas, ao analisa-se a formação e apropriação do mito bolivariano por Hugo Chávez.

---

<sup>78</sup> GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.13.

### 3 IMAGENS BOLÍVAR: O MITO BOLIVARIANO E A HISTÓRIA DO PODER NA VENEZUELA

*Há uma espécie de propaganda com que se pode levantar o moral de uma nação, a construção ou renovação e a difusão conseqüente e multímuda de um grande mito nacional. De instinto, a humanidade odeia a verdade, porque sabe, com o mesmo instinto, que não há verdade, ou que a verdade é inatingível.*

*(Fernando Pessoa)*

#### 3.1 Considerações iniciais sobre o mito do libertador

A Venezuela desde seu primeiro presidente (general Páez) cultuou como mito fundador a figura do herói, *El Libertador*. O historiador venezuelano Germán Carrera Damas no início da década de setenta do século XX lançou uma obra pioneira ao discutir a existência do culto e a mitificação da imagem de Bolívar na Venezuela: *El culto a Bolívar*<sup>79</sup>. CARRERA DAMAS diz na introdução do livro: “Imposible dar un paso por la vida venezolana sin tropezar con la presencia de Bolívar”<sup>80</sup>. CARRERA DAMAS revelou assim a existência de um mito que ultrapassou os séculos e que constitui parte fundamental da história do poder na Venezuela.

No século XIX Thomas Carlyle, ensaísta escocês, pensava o “herói - rei”, ou seja, os grandes líderes políticos heroificados (ele apresenta alguns exemplos como: Cromwell e Napoleão), como uma constelação de representações que passam do sagrado (sacerdote) ao sábio que ensina (professor), do soberano que rende o espírito do povo ao mentor guerreiro, o herói resume em si praticamente todas as qualidades almejadas por uma nação<sup>81</sup>. Na Venezuela, Bolívar no transcurso da história, assumiu o papel de herói, passando a residir no ponto mais alto do panteão nacional, como a descrição do “herói-rei” de CARLYLE, representando praticamente

---

<sup>79</sup> O culto a Bolívar.

<sup>80</sup> Impossível dar um passo pela vida venezuelana sem tropeçar com a presença de Bolívar.

CARRERA DAMAS, G. Op. cit. p. 19

<sup>81</sup> CARLYLE, Thomas. **On Heroes, Hero – Worship and heroic in History**. Cambrienge: The Electric Book Company, 2001. p. 225.

tudo de positivo: militar, pensador, estrategista, escritor, caudilho, gênio, amante modelo, guia e até como Deus<sup>82</sup>.

O processo de transformação de Bolívar em herói foi iniciado com ele em vida. O epíteto de Libertador foi-lhe concedido em 23 de maio de 1813 na província de Mérida, pouco tempo antes dele declarar “guerra até a morte” contra a Espanha. Após sua morte essa imagem consolidou-se, sendo cultuado ao longo da história de diversas formas, servindo a múltiplos interesses. Cultuar Bolívar é uma tradição muito importante, pode-se destacar ao nível das instituições, o fato da moeda nacional se chamar bolívar (atualmente bolívar forte, desde de primeiro de janeiro de 2008), um dos Estados venezuelanos ter o nome de Bolívar, a capital desse estado se chamar cidade Bolívar, além das milhares de ruas que tem seu nome ou título (*El Libertador*) e as inúmeras estatuas e bustos que estão espalhadas por quase todas as praças venezuelanas. Politicamente sua imagem esteve presente nas insígnias que vão da extrema direita a extrema esquerda, passando por todos os matizes sociais e ideológicas. A adesão a imagem de Bolívar, sempre facilitou a aproximação dos políticos com o povo. Bolívar tornou-se uma ponte simbólica entre o poder e o imaginário popular<sup>83</sup>.

Para o historiador Raoul Girardet, não se pode perder de vista a ligação do mito político e as condições sociais em que ele emerge. O mito político é um indício de desequilíbrio e crise, conforme diz GIRARDET: “[...] é nos “períodos críticos” que os mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração.”<sup>84</sup>. José Murilo de Carvalho tem uma opinião próxima a de GIRARDET ao dizer: “A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas”<sup>85</sup>. Algo que pode-se observar no caso da Venezuela, que tem sua história marcada pela instabilidade política, crises econômicas e profundos problemas sociais. Ambiente propício, segundo GIRARDET, para emergência do mito político.

---

<sup>82</sup> UCHOA, P. **Venezuela**: A encruzilhada de Hugo Chávez. São Paulo: Editora Globo, 2003. p. 120.

<sup>83</sup> Ibidem. p.105-106

<sup>84</sup> GIRARDET, R. Op. cit. p.180

<sup>85</sup> CARVALHO, José Murilo. Op. Cit. p. 11



As perturbações do meio histórico desempenham um papel idêntico ao das fendas tectônicas: é a elas que se devem esses jorros impetuosos de forças, até então subjacentes, saídas do mais profundo do imaginário mitológico.<sup>86</sup>

Daí surgiu à necessidade de se compreender o mito político através de toda a sua historicidade, o meio em que ele aparece, é tão importante quanto sua função, pois esses só podem ser compreendidos em sua completude a partir da análise da conjuntura de invocação e adequação dessas formas simbólicas. Assim será feita uma passagem pela história do poder na Venezuela.

### 3.2 Um longo percurso...

No ano de 1830 ocorrera a separação da Venezuela da região denominada de Grande Colômbia (o que seria hoje a região da Colômbia, Equador e Venezuela)<sup>87</sup>, adotando a partir desse momento um regime centralizado com a autonomia das províncias. O poder na Venezuela passa para as mãos da oligarquia conservadora, que se manteve no poder até o ano de 1847, sendo substituída então por uma oligarquia liberal, que foi posteriormente destituída por uma sucessão de governos ditatoriais. A partir de 1859 inicia-se uma sangrenta guerra civil, capitaneada pelos “federais”, que sobre a bandeira da “Revolução Federal” lutaram contra a dominação oligárquica. Conquistaram a vitória em 1863.<sup>88</sup>

Com esse domínio das oligarquias (tanto conservadoras, quanto liberais) entre os anos de 1830 e 1859, a luta pelo poder aumentava, tornando-se cada vez mais intensa e violenta. Os dois grupos (conservadores e liberais) se digladiavam incessantemente na batalha pela dominação política do país.<sup>89</sup>

Entre o período de 1830 a 1935, a política é marcada pela presença dos caudilhos, que se revezaram no poder, protagonizando lutas sangrentas para se ascenderem e

---

<sup>86</sup> Ibidem. p. 190

<sup>87</sup> Essas regiões recebiam o nome no período (1830) de Nova Granada (hoje Colômbia), Cundinamarca (hoje Equador) e Venezuela, que permanecera com o mesmo nome. ZAVALA, D. F. M. História de meio século na Venezuela: 1926-1975. In: CASANOVA, P. G. **America Latina: História de meio século** (org). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1977. p.235

<sup>88</sup> Ibidem. p. 235

<sup>89</sup> Ibidem. p. 236/237

se perpetuarem como chefes da nação. Esse sistema de governo, que se caracteriza pelo personalismo e pela instabilidade, perdurou por todo o século XIX e parte do XX.<sup>90</sup>

[...] a partir de 1830, data da dissolução da Grande Colômbia, que abre a existência nacional da Venezuela, até 1935, os caudilhos se sucederam um após. Páez, que domina o país de 1830 até 1846, é substituído pelos irmãos Monagas (1846-1861), depois, novamente Páez (1861-1863), Guzmán Blanco (1870- 1887), Crespo (1887-1898), Castro (1899- 1908) e, finalmente, Gómez (1908- 1935); no decorrer de um século, o regime caudilhista não foi interrompido senão durante os sete anos de 1863-1870, que foram, porém, sete anos de guerra civil.<sup>91</sup>

A instabilidade política está ligada a própria natureza do regime caudilhista, segundo o historiador francês Jacques Lambert:

Chefe revolucionário, a que outros admitiram submeter-se apenas para derrubar o governo, o caudilho, por isso mesmo, raramente é onipotente durante os primeiros tempos de seu poder nacional: enquanto os que o ajudaram a tomar o poder não tenham sido eliminados ou, satisfeitos com a sua parte nos despojos, não se tenha resignado à submissão, o reinado do caudilho é perturbado por intrigas.<sup>92</sup>

Estruturou-se assim um sistema de governo que dificilmente conseguiria impor uma harmonia que abrangesse todo o território nacional, pois o processo de ascensão ao poder baseado nas redes de caudilhos e no golpe de Estado acabou por criar uma situação de “guerra” constante, não só pela ascensão, mas principalmente para a perpetuação deste poder<sup>93</sup>.

Observa-se desde a fundação da República a instabilidade política<sup>94</sup> como o signo do poder no país<sup>95</sup>. Um caudilho derrubava o outro, saía de cena um governo personalista e autoritário para a entrada de outro, mudava-se o rosto mais não o

---

<sup>90</sup> LAMBERT, J. **América Latina**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p.156

<sup>91</sup> Ibidem.

<sup>92</sup> Ibidem. p.159

<sup>93</sup> Ibidem. p. 160

<sup>94</sup> Um dos exemplos da instabilidade política que se instaura no pós-independência, é que entre o fim do processo de libertação da Venezuela e o ano de 1930, o país viu a promulgação de 18 constituições que efetivamente não eram aplicadas devido as ditaduras pessoais, sendo esse um número recorde de toda a América- Latina. Ibidem. p.22

<sup>95</sup> Para Túlio Halperin Donghi, a questão da instabilidade e da luta constante pelo poder na Venezuela do século XIX acaba fazendo com que: “A violência termine por dominar a vida cotidiana”. E para ele isso pode ser reflexo da formação das “operações militares para fora da fronteira” no período de independência do domínio espanhol, onde surgiram as milícias rurais, que posteriormente sobrevivem às lutas de libertação e passam a inserir-se na luta política pelo poder. DONGHI, T. H. **História da América Latina**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p. 115.

modelo. Este foi o ambiente de nascimento do mito bolivariano, e que já nesse momento serviu aos políticos como caminhos de acesso aos corações e mentes populares. Segundo o historiador venezuelano Juan Eduardo Romero:

El proyecto nacional, esbozado em la mitad del siglo XIX, llegó a expresar el inicio de la ideologización del pasado histórico, como una fuente para la justificación del orden y las relaciones de poder establecidas por la elite política surgida triunfante de la independencia.<sup>96</sup>

Em fevereiro de 1859 iniciou-se o movimento federalista, sobre a liderança do general Ezequiel Zamora<sup>97</sup> e do general Juan Falcón. O movimento tinha como programa: a abolição da pena de morte, liberdade absoluta da imprensa, de trânsito, de associação, de representação e indústria, liberdade de culto, eleição universal, direta, e secreta, abolição da prisão por dívida, igualdade de todos os cidadãos perante a lei, inviolabilidade da propriedade, entre outros pontos. Basicamente um programa de liberalização do Estado. A guerra federal foi longa, e instável, revezando entre momentos de vitórias e derrotas para os dois lados (oligarquia e federalistas). Em 24 de abril de 1863 celebrou-se a paz, com o Tratado de Coche, selando a vitória federal<sup>98</sup>.

Destitui-se um sistema de governo personalista e autoritário, para a entrada de outro, muda-se os personagens, entretanto, o roteiro permanece praticamente o mesmo. A imagem de Bolívar continuou tremulando nas mãos dos dirigentes, passando das mãos da velha casta oligárquica, para as mãos dos federalistas, que se apoiaram na imagem do Libertador, para promover e legitimar a revolução, destacando o caráter emancipatório e revolucionário do herói nacional.

Para o economista e historiador Domingo Felipe Maza Zavala o movimento federal ao assumir o poder, não quis e não conseguiu colocar em prática as promessas

---

<sup>96</sup> O projeto nacional, esboçado na metade do século XIX, veio a expressar o início da ideologização do passado, como fonte para justificação da ordem e das relações de poder estabelecidas pela elite política que surgiu triunfante da independência. R, J. E. Discurso político, comunicación política e historia en Hugo Chávez”. In: *Ámbitos*, n. 13-14, 2005.

<sup>97</sup> Figura popular mais importante do movimento federalista, sendo proclamado “General do Povo Soberano”, morreu em 14 de junho de 1860, sua morte nunca foi bem esclarecida, existindo a desconfiança de que foi envenenado. Acredita-se que a revolução federal tomaria outro rumo caso não tivesse falecido. Era o maior defensor das bandeiras populares e da causa do povo pobre. ZAVALA, D. F. M. Op. cit. p.239-241.

<sup>98</sup> Op. cit. p.242

feitas no decorrer do processo revolucionário. Repetiu-se o que já ocorrera com o movimento de independência meio século antes dos federalistas, que colocaram na pauta política, como os federalistas, a correção das injustiças econômico-social, o fim da concentração de terra, da exploração do campesinato em regime de servidão, da miséria das maiorias frente a abundância de poucos. Nenhum desses problemas que assolavam a Venezuela do século XIX foi resolvido por ambos os movimentos, tanto a luta pela independência, quanto à federalista, ao chegarem ao poder, acabaram por frustrar as expectativas criadas <sup>99</sup>.

ZAVALA ressalta que continuou existindo uma “profunda desigualdade econômica que, de um modo ou de outro, se expressava em desigualdade política.” <sup>100</sup> E que essa sociedade que emergiu a partir de 1858 “[...] foi também uma sociedade injusta, basicamente discriminatória, profundamente desequilibrada e pouco propensa às mudanças verdadeiras”.<sup>101</sup> Não podemos afirmar que o século XIX venezuelano foi estático e sem movimentações políticas, mas pode-se observar nas leituras feitas, que apesar de existir uma intensa movimentação política, as mudanças efetuadas foram bem superficiais, não abalando a estrutura principal que configurou o modelo de poder e de Estado: o caudilhismo, que seguiu intacto, marcando toda a história da república até quase metade do século XX.

O período federalista teve como seu maior líder (principal caudilho), o médico e general Antonio Guzmán Blanco. De uma ou outra maneira ele governou a Venezuela entre 1870 e 1890, sendo que em alguns períodos governou diretamente (1870-1877, 1879-1884 e 1886-1889), ou indiretamente através de seus partidários (Alcântara, Crespo, Rojas Paul, Andueza)<sup>102</sup>. Segundo ZAVALA, Guzmán: “[...] mandou, mais que governou, como autocrata, com vontade que pretendeu ser onímoda, como se o país fosse um feudo seu ou um reino submetido à monarquia absoluta”<sup>103</sup>. Esse período ficou conhecido na história venezuelana como autocracia

---

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Ibidem. p.245

<sup>101</sup> Ibidem.

<sup>102</sup> Ibidem.

<sup>103</sup> Ibidem.

guzmancista. Ele aprofundou mais ainda o culto nacional a imagem de Bolívar <sup>104</sup>, dando a esse um *status* de oficialidade.

Em 1872, o então presidente, general Antonio Guzmán Blanco, decretou que todas as praças e ruas maiores do período hispânico fossem rebatizadas com o nome de Simón Bolívar. O decreto ficou ultrapassado, mas o hábito sobreviveu.<sup>105</sup>

Esse decreto foi promulgado em um momento de solidificação da identidade nacional, com a consubstanciação, veiculação e oficialização dos símbolos nacionais (bandeira, escudo e hino) marcando profundamente a arquitetura urbana da Venezuela, que abriga estatuas, avenidas e centros com o nome do herói. Isso reforçou o mito e mais ainda, naturalizou o culto dando a ele a função de construtor e solidificador da identidade nacional, é o que diz Arenas e Calcaño:

Con la presidencia de Antonio Guzmán Blanco (1870-188), figura protagonista de la política venezolana durante la segunda mitad del siglo XIX, se fortalece el culto, se magnifica el mito [...] Bandera, escudo e himno nacional, fueron diseñados como códigos de identificación de la nación que necesitaba con urgencia reconocerse hacia adentro como tal, frente a la disgregación posindependentista; así como mostrar hacia fuera un claro perfil diferenciador en el conjunto de naciones. Pero esta batería de recursos simbólicos no estaba completa, sin embargo, si no se le adicionaba el más poderoso, el más cargado de significado espiritual para los recién nacidos venezolanos: Simón Bolívar.<sup>106</sup>

Assim o mito tomou uma dimensão ainda maior, pois deixara de ser apenas um culto popular ou símbolo dos políticos em luta (representando a revolução), para se tornar oficialmente parte integrante do Estado, adentrando a institucionalidade como símbolo legítimo, que representava a fundação e a unidade nacional.

A última década do século XIX foi extremamente conturbada no cenário político venezuelano, a oposição ganhou espaço, mas as eleições fraudulentas acabavam garantindo a permanência da geração guzmancista no governo. Após mais uma

---

<sup>104</sup> ARENAS, N.; CALCAÑO, L. G. Op. cit. p. 170

<sup>105</sup> UCHOA, P. op. cit. p. 103

<sup>106</sup> Com a presidência de Antonio Guzmán Blanco (1870-188), figura da política venezuelana durante a segunda metade do século XIX, reforçou-se o culto, amplia-se o mito (...). Bandeira, hino nacional e escudo, foram concebidos como códigos de identificação da nação que precisava urgentemente reconhecer-se como tal, frente à desintegração pós - independentista, assim como mostrar externamente um claro perfil diferenciador no conjunto de nações. Mas esse conjunto de recursos simbólicos não estava completo, contudo, se não adiciona-se o mais poderoso, mais cheio de significado espiritual para os recém-nascidos venezuelanos: Simón Bolívar. ARENAS, N; CALCAÑO, L. G. op. cit. p.170

eleição fraudada em 1897, onde o general Ignacio Andrade elegeu-se presidente em favor do continuísmo, insurge uma tentativa de revolução, chamada de “liberal nacionalista” comandada pelo general José Manuel Hernández, que não logrou a vitória. Apesar da conquista de Andrade, ele em seu curto período de governo (1897-1899), marcou o fim da era guzmancista<sup>107</sup>.

Em 23 de maio de 1899, a partir dos Andes venezuelanos iniciou-se um movimento, intitulado de Restauração, foi liderado pelo general Cipriano Castro, que junto a outros militares, voltou-se contra o poder instituído. Castro teve êxito em sua ação golpista, e em 23 de setembro do mesmo ano, chegou ao poder. Iniciou-se um período conhecido como “andinos no poder”<sup>108</sup>.

Castro permaneceu no poder até o ano de 1908, onde por um lance de traição, um dos seus principais aliados, general Juan Vicente Gómez, lhe imprimiu um golpe de Estado (Gómez aproveitou a viagem que Castro fazia à Europa para cuidar da saúde). Gómez fincou-se no poder, onde permaneceu até 1935, só saiu com a morte (falecimento por causas naturais). Esse novo momento foi intitulado pelo próprio Gómez como “Reabilitador”, e segundo suas palavras, viera para superar a “Restauração” promovida por Castro<sup>109</sup>.

Não se diferenciaram os dois ditadores, evidentemente, nos métodos repressivos, na supressão efetiva de liberdades, direitos e garantias dos cidadãos, na prática do enriquecimento ilícito e do predomínio dos interesses privados poderosos sobre o interesse nacional<sup>110</sup>.

Gómez deu prosseguimento à mitificação do Libertador, ele declarava ser um presidente bolivariano, um depositário da herança gloriosa de Bolívar<sup>111</sup>. Para o pesquisador Ramón Rivas-Aguilar, o período de Gómez é marcado pela utilização do bolivarianismo como justificador da existencia de um líder único, a centralização total do poder, ele diz:

Finalmente, esse liderazgo compartió la ideología bolivariana para legitimar la tesis del jefe único. Esta ideología bolivariana se nutrió de las ideas del

---

<sup>107</sup> ZAVALA, D. F. M. Op. cit. p. 249

<sup>108</sup> Ibidem. p. 250-251

<sup>109</sup> Ibidem. p. 254.

<sup>110</sup> Ibidem.

<sup>111</sup> ARENAS, N; CALCAÑO, L. G. op. cit. p.171

positivismo y creo un conjunto de símbolos y representaciones para justificar el régimen político del ciclo andino (1899-1935). La ideología bolivariana partió de la idea de que Juan Vicente Gómez era el gobernante que encarnaba la unidad nacional.<sup>112</sup>

A grande transformação que ocorreu na Venezuela durante o governo de Gómez, e que radicalmente mudou toda a sua história, foi politicamente o fim do domínio regional dos caudilhos, através de uma efetiva centralização do poder. A mais importante mudança, de ordem econômica, foi o início da exploração do petróleo em larga escala, que deixou para trás um país agroexportador, apontado para o século XX, uma das maiores potências petrolíferas mundiais<sup>113</sup>.

Durante a época de Gómez, desenvolveu-se na Venezuela a extração do petróleo, que passou de 1 milhão de barris em 1920 para mais de 150 milhões quinze anos depois. O petróleo começa a modificar a vida da Venezuela de acordo com linhas já conhecidas na América Latina: a prosperidade dizia respeito especialmente a camadas médias urbanas [...]<sup>114</sup>

O petróleo quando começou a ser exportado em 1917, deu início ao processo de aceleração da urbanização, combinado com a profissionalização do aparato estatal, gerando assim uma rápida expansão das classes médias urbanas<sup>115</sup>. Já em 1918 a Venezuela era o segundo maior país do mundo exportador de petróleo, só perdendo para os Estados Unidos<sup>116</sup>. Segundo a socióloga Margarita López-Maya: “Poucas coisas ocorrem na Venezuela que não tenham, direta ou indiretamente, a ver com petróleo”<sup>117</sup>. Essa é uma expressão que traz minimamente a dimensão da importância dessa matéria prima para a Venezuela a partir do século XX.

Em dezembro de 1935 morreu o ditador Gómez, deixando o cargo de presidente na mão de outro general, Eleazar López Contreras, antigo aliado de Gómez<sup>118</sup>.

---

<sup>112</sup> Finalmente, essa liderança compartilhou da ideologia bolivariana para legitimar a tese de chefe único. Esta ideologia bolivariana se nutriu das idéias do positivismo. RIVAS-AGUILAR, R. El proyecto bolivariano; la restitución del ciclo andino y del proyecto octubrista. **Economía**, Venezuela, julho de 2007. Disponível em : < [http://ies.faces.ula.ve/Revista/Articulos/Revista\\_24/Pdf/Rev24Rivas.pdf](http://ies.faces.ula.ve/Revista/Articulos/Revista_24/Pdf/Rev24Rivas.pdf)>. Acesso em: 27 agosto de 2009.

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> DONGHI, T. H, Op. cit. p.291-292.

<sup>115</sup> ANASTASIA, F.; MELO, C. R.; SANTOS, F. **Governabilidade e representação política na América do Sul**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004. p.137.

<sup>116</sup> MARINGONI, G. Op. cit. p. 84

<sup>117</sup> LÓPEZ-MAYA apud MARINGONI, G. Op. cit. p.84.

<sup>118</sup> MARINGONI, G. Op. cit. p.89.

[...] López Contreras, embora fiel a Gómez como chefe militar e de governo, não era um gomezista em seu modo de pensar sobre o país. Tampouco era, como os fatos demonstraram, um reformador profundo nem avançado no político, no econômico e no social. Era um homem de transição, de compromisso, entre uma situação de força praticamente absoluta e uma saída progressiva à democracia liberal burguesa moderna.<sup>119</sup>

Contreras assumiu assim o papel de transição entre o período caudilhista, para uma nova realidade política, mais liberal e aberta, que se estruturou na nova situação social e econômica do país, fundada no desenvolvimento da produção e exportação do petróleo.

Nessa nova situação que se abriu na Venezuela, com o avanço das classes médias e proletárias, o desenvolvimento econômico e o clima de transição política, fez emergir os movimentos sociais e políticos que iriam protagonizar as principais mudanças políticas a partir desta década. Inicialmente o movimento popular foi liderado pelos estudantes<sup>120</sup>. Despontam em meio a esses movimentos líderes estudantis que posteriormente ascenderão a política nacional, temos nesse *hall*, por exemplo, apareceu a figura de Rafael Caldera, que na década de setenta tornou-se presidente do país. No transcurso dos anos de 1936 e 1937, surgiram no cenário político nacional, diversos novos partidos, mesmo tendo vida fugaz, esses partidos foram extremamente importantes, pois eram os embriões das futuras agremiações políticas que iriam transformar a história da política e do Estado venezuelano<sup>121</sup>.

López Contreras apesar de nunca ter auspiciado a formação de um partido ou facção política militante que apoiasse sua gestão, acabou sendo representado politicamente em organizações espalhadas em diversas localidades sobre o título de “Agrupamentos Cívicos Bolivarianos”, que segundo ZAVALA :

[...] inspirados no suposto pensamento lopezista que pretendia ser uma interpretação do ideário bolivariano. O culto a Bolívar foi elevado por López à significação de um fundamento político. Na Venezuela, desde cedo, o pensamento bolivariano tem sido adaptado em diferentes épocas por diferentes personagens para diferentes fins e ainda continua sendo fonte de interpretações acomodadas ao interesse do governante ou do político de

---

<sup>119</sup> ZAVALA, D. F. M. Op. cit. p.280.

<sup>120</sup> Representados pela Federação de Estudantes da Venezuela (FEV) e pela União Nacional Estudantil (UNE)

<sup>121</sup> ZAVALA, D.F.M. Op. cit. p.283



oposição. No quinquênio lopezista este recurso foi aproveitado com singular habilidade e constância.<sup>122</sup>

Contreras ao constituir esses agrupamentos sobre a insígnia de Bolívar, buscou assumi-la a partir do que ele designou como “segunda religião”, trazendo assim uma dimensão religiosa e mística ao culto ao Libertador. Destaca-se nessa perspectiva da “religião bolivariana” os aspectos ligados ao martírio, o sacrifício supremo na luta pela união da pátria. O Bolívar martirizado e diretamente relacionado ao cristo crucificado<sup>123</sup>.

Contreras encerrou seu mandato em abril de 1941, sendo sucedido pelo seu indicado ao cargo, o general Isaias Medina, que durante estada no poder de 1941 a 1945, simplesmente encarregou-se de continuar o governo de Contreras<sup>124</sup>.

A sucessão presidencial de 1945 foi extremamente conturbada, a inquietação acabou desembocando em um golpe civil-militar iniciado no dia 18 de outubro e consumado três dias depois. O governo que se instalou com o golpe, foi designado de junta revolucionária, e foi constituída por cinco civis e dois militares. Foi liderado por Rômulo Betancourt, secretário geral do partido Ação Democrática (AD)<sup>125</sup>. Partido que depois de 1958 irá se transformar na grande força política do país, só perdendo a hegemonia política com a ascensão de Chávez em 1998.

Nesse momento a imagem de Bolívar não perdeu espaço apenas sendo transportada e adaptada a um discurso mais liberal e democrático. O governo provisório permaneceu até o ano de 1947, ano em que foi eleito o famoso romancista Rômulo Gallegos, que tomou posse em 15 de fevereiro de 1948. Seu curto governo foi deposto com um golpe militar em novembro do mesmo ano, liderado pelo coronel Marcos Pérez Jimenez, pondo fim ao triênio democrático, e iniciando a partir desse momento mais uma ditadura que se estendeu por quase dez anos<sup>126</sup>.

---

<sup>122</sup> Ibidem. p. 284.

<sup>123</sup> ARENAS, N; CALCAÑO, L. G. Op. cit. p. 171

<sup>124</sup> ZAVALA, D. F. M. Op. cit. p. 289

<sup>125</sup> Ibidem. p. 292

<sup>126</sup> Ibidem. p.302-304 passim.

Uma das principais características da ditadura implantada por Jiménez, foi que aliava o autoritarismo extremo com o desenvolvimento econômico e todo o progresso dele derivado, assim se legitimava a violência do poder, conforme diz DONGHI: “Jiménez implantou no país uma ditadura cada vez mais rigorosa, enquanto uma onda de prosperidade sem precedentes, devida à indústria petrolífera, transformava a Venezuela.”<sup>127</sup>

Como Jimenez se “sustentava” no poder sobre os positivos índices econômicos, foi à queda desses que lhe trouxe a desgraça<sup>128</sup>.

A situação econômica piorava, a popularidade do regime estava em fase descendente e, depois de um fracassado golpe de Estado da aeronáutica e de três semanas de desordens populares, o exército, em janeiro de 1958, convenceu-se da necessidade de abandonar o ditador ao seu destino. Uma junta presidida pelo almirante Larrazábal tomou o poder e convocou eleições. Betancourt, que retornava de um longo exílio, venceu-as<sup>129</sup>.

O experiente líder político Betancourt, elegeu-se e iniciando um período marcado pela hegemonia política total de seu partido, a AD, que juntamente a outra agremiação partidária Comissão de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI), protagonizaram a política venezuelana, revezando-se no poder por mais de cinquenta anos. Apesar de legalmente o sistema vigente ser pluripartidário, a realidade política acabou por impor um regime bipartidário, onde a elegibilidade orbitava exclusivamente ao redor desses dois partidos.<sup>130</sup>

Esse novo momento na história da Venezuela foi marcado pelo Pacto de *Punto Fijo*<sup>131</sup>, pacto em que os dois principais partidos selaram uma trégua em vistas de consolidar a democracia.<sup>132</sup> mas que também visavam à consolidação de um sistema seguro, que garantisse a certeza de que o poder não lhes escapasse. Segundo Maringoni:

---

<sup>127</sup> Ibidem. p. 352.

<sup>128</sup> Ibidem. p. 314- 315.

<sup>129</sup> DONGHI, T. H. Op. cit. p.352.

<sup>130</sup> ZAVAVA, D. F. M. Op. cit. p.316.

<sup>131</sup> Pacto de Ponto Fixo. Recebera esse nome por ter sido firmado em uma chácara localizada em Caracas, de propriedade do líder do COPEI, Rafael Caldera. MARINGONI, G. Op. cit. p.101.

<sup>132</sup> AUMAITRE, J. V. C. Governabilidad democrática y reformas políticas en Venezuela. In: Hofmeister, W. **Reformas Políticas en América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004. p.397.

[...] tinha a pretensão de reduzir as diferenças ideológicas e programáticas entre seus signatários e lançar as bases para uma convergência de interesses, tendo como ponto de apoio o domínio do aparelho de Estado. Na prática, ele se convertia, mais tarde, num acerto entre AD e COPEI e um terceiro partido, de acordo com a conveniência eleitoral de momento.<sup>133</sup>

O governo de Betancourt foi marcado pela recessão econômica, mas também pela consolidação do novo pacto que moldou todo desenho institucional de Estado posterior.

Seu governo representou a primeira concretização do Pacto de Punto Fijo. Nele tomaram assento os três partidos, AD, COPEI e URD. O primeiro governo civil pós-ditadura enfrentou forte recessão, que resultou em redução de salários, desemprego e queda da qualidade de vida para a população. Mas foi a gestão que materializou os fundamentos do que fora acertado na chácara de Caldera (alusão ao Pacto de Punto Fijo).<sup>134</sup>

Betancourt não deixou de invocar Bolívar como faziam seus predecessores, segundo RIVAS-AGUILAR: “El expresidente Rómulo Betancourt también invocó la figura de Simón Bolívar como la guía espiritual para resolver los problemas económicos y sociales que afectaban a los países de América Latina (...)”<sup>135</sup>.

Os governos da AD, de Betancourt (1959-1963) e de Raúl Leoni (1964-1968), iniciaram campanhas repressivas contra as zonas rurais, onde se desenvolvia atividades guerrilheiras, inspiradas pela vitória da revolução cubana de 1959. Nessas campanhas houve a utilização de métodos de tortura e ocorreu o desaparecimento de muitas pessoas<sup>136</sup>.

O surgimento do bolivarianismo contemporâneo (o de esquerda, ao qual Chávez reivindica) ocorreu nesse momento, na fila dos socialistas e comunistas, que romperam com o marxismo ortodoxo e as políticas soviéticas, reavivaram a figura de Bolívar (anteriormente era visto pela esquerda como um representante das elites, símbolo da ordem constituída) e deram novo significado para seu pensamento e

---

<sup>133</sup> Ibidem. p.102.

<sup>134</sup> MARINGONI, G. Op. cit. p. 103.

<sup>135</sup> O ex-presidente Rómulo Betancourt também invocou a figura de Simón Bolívar como um guia espiritual para resolver os problemas econômicos e sociais da América Latina (...) RIVAS-AGUILAR, R. op. cit. p. 60

<sup>136</sup> FERNÁNDEZ, A. J. P. Política midiática e luta de classes: a era Chávez em pauta. In: COGGIOLA, O. **América Latina**. São Paulo: Editora Xamã, 2003. p. 261.

imagem. Esses novos revolucionários da década de cinquenta e sessenta, protagonizaram a luta armada no país.

Parte dela veio se refugiar nos Andes na década de 1960, onde nasceram as primeiras células guerrilheiras inspiradas na revolução cubana. Assim nasceu a ideologia que fundia o sonho de Simón Bolívar com as teorias socialistas [...]<sup>137</sup>

Bolívar trazia para o pensamento de esquerda, três grandes fundamentos que se aliavam as idéias socialistas: a constituição de uma identidade específica (era parte integrante da cultura nacional) o que lhes dava maior aproximação com as massas, a idéia de uma “Pátria Grande” ( uma América Latina unida e irmanada) e a luta contra a corrupção.<sup>138</sup>

Em 1968 com a eleição do primeiro presidente pertencente a COPEI, Rafael Caldera, cessou a luta armada e o país retorna a um relativo estado de paz<sup>139</sup>. Apesar das “guerrilhas bolivarianas” terem sido derrotadas, o pensamento bolivariano de esquerda seguiu firme, não deixando mais o cenário político venezuelano.

O governo de Caldera ao mesmo tempo em que propiciou certa abertura política (democratização), não deixou de lado a repressão a serviço do poder. No geral desenvolveu uma política que se qualificou como “nacionalismo democrático”. Neste governo se iniciou o processo que posteriormente iria deslanchar na nacionalização do petróleo. Caldera apesar de ter entrado no fim de seu governo no período de auge fiscal do petróleo, não pode desfrutar das bonanças fiscais derivadas dos altos preços da matéria prima. Quem desfrutou todo o bônus da “era de ouro” das finanças venezuelanas foi seu sucessor, Carlos Andrés Pérez, vitorioso representante da AD nas eleições de 1973.<sup>140</sup>

A crise energética mundial de 1973 beneficiou o avassalador crescimento econômico venezuelano a partir dessa data<sup>141</sup>. O primeiro governo de Carlos Andrés

---

<sup>137</sup> UCHOA, P. Op. cit. p. 105.

<sup>138</sup> Ibidem. p. 116

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> ZAVALA, D. F. M. Op. cit. p. 319.

<sup>141</sup> FERNÁNDEZ, A, J. Op. cit. p. 264.

Pérez (1974 – 1979) coincidiu com o período de maior riqueza do petróleo, lembrado popularmente como “os bons tempos” <sup>142</sup>. A felicidade de seu governo residiu no grande desenvolvimento econômico experimentado pela Venezuela, que foi fruto de uma conjuntura mundial, e não de uma ação governamental <sup>143</sup>.

Pérez não abandonou a tradição de culto a Bolívar, ao contrário, mesmo governando sobre um período extremamente generoso, ele em sua retórica política, também se associou ao Libertador.

[...] relembra a figura de heróis latino-americanos como Simón Bolívar e Francisco Miranda, ícones que empunhavam cada vez que se dizia “porta voz dos países da América Latina e do terceiro mundo”. Pérez insistia, por exemplo, que estava “perseguido a meta do Libertador (Simón Bolívar)” em suas andanças pelos países vizinhos. <sup>144</sup>

O momento de crescimento econômico dos anos setenta tivera fim, e com ele toda a estabilidade e harmonia política. A partir da década de oitenta a Venezuela mergulhou em uma crise que irá posteriormente abalar as estruturas de toda configuração política que parecia ser inabalável. Conforme MARINGONI diz: “(...) os pés de barro do modelo (...) residiam no fato de o governo não conseguir controlar os preços internacionais do petróleo”. <sup>145</sup>

As condições vigentes na Venezuela começaram a se modificar rapidamente na década de 1980. Com o declínio do preço internacional do petróleo, diminuiu o fluxo de recursos disponíveis e passaram a se fazer sentir de modo mais nítido as deficiências do modelo de desenvolvimento do país, a ineficiência das políticas econômicas traçadas pelos sucessivos governos e o peso da dívida externa. A economia entrou em declínio, o bolívar (moeda nacional) passou a se desvalorizar, a inflação subiu e a renda da população caiu, frustrando as expectativas da população quanto a melhoria do nível de vida, em especial daqueles mais pobres [...] Progressivamente, o lado não virtuoso do regime de *Punto Fijo* tornou-se mais e mais saliente, alimentando a descrença e o ceticismo entre a população. <sup>146</sup>

Em 28 de fevereiro de 1983, que entrou para a História como a sexta-feira negra, ficou marcada como o dia da desgraça nacional, onde todos os sonhos dos anos

---

<sup>142</sup> MARINGONI, G. Op. cit. p.105.

<sup>143</sup> ZARAVA, D. F. M. Op. cit. p. 334.

<sup>144</sup> UCHOA, P. Op. cit. p. 99.

<sup>145</sup> Ibidem. p. 106.

<sup>146</sup> ANASTASIA, F; MELO, C. R; SANTOS, F. Op. cit. p. 146.

setenta desmoronaram, a situação econômica e apresentou como a pior possível, nas palavras de MARINGONI: “(...) a carruagem virou abóbora”.<sup>147</sup>

Os presidentes Herrera Campíns (1979-1984) e Jaime Lusinschi (1984-1989), não fizeram nada além de tentar implementar uma reforma que visava reestruturar o Estado e a economia Venezuelana, mas essa reforma em nada adiantou frente a crise que era irreversível.<sup>148</sup>

Foi iniciado em 1989 o segundo governo de Pérez, trazendo para o imaginário popular a esperança do retorno da estabilidade e o crescimento que marcara seu primeiro governo. Mas logo no primeiro ano de governo Pérez frustrou as expectativas da nação adotando um plano de governo baseado em premissas neoliberais impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), com vistas de liberar um empréstimo de US\$ 4,5 bilhões. Dentre as medidas previstas estavam: congelamento dos salários, aumento dos impostos e tarifas, aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade e corte gastos públicos em áreas essenciais, como saúde, educação e segurança.<sup>149</sup>

No dia 27 de fevereiro de 1989, vinte e cinco dias depois de sua posse, e dois dias após apresentar o “pacote do FMI” para a nação, deu-se início em Caracas um movimento de protesto popular<sup>150</sup> que entrou para história como o *caracazo*. Esse movimento passou para história como símbolo de descontentamento e revolta contra as políticas neoliberais, marcando não só Caracas, mas toda a nação venezuelana e influenciando até em outros países da América Latina (por sua natureza anti-neoliberal e anti-globalização).

O *caracazo* foi reprimido com extrema violência, sendo que o número de mortos é desconhecido até hoje, diz-se entre quinhentos e mil, sendo que mais de dez mil pessoas ficaram feridas. O governo sobreviveu (até 1993 quando Pérez sofreu um

---

<sup>147</sup> MARINGONI, G. Op. cit. p. 106.

<sup>148</sup> Ibidem. 107

<sup>149</sup> Ibidem. p. 110

<sup>150</sup> Ibidem. p. 111

processo de [impeachment](#), sendo afastado da presidência), mas durante o tempo que governou, estava completamente desmoralizado e sem nenhuma legitimidade.<sup>151</sup>

Em 4 de fevereiro de 1992, um grupo de militares liderados pelo desconhecido tenente-coronel Hugo Chávez Frias, tentam imprimir um golpe de Estado, mas são frustrados. Duas coisas chamam a atenção nesse evento: primeiro, a filiação do movimento que dirigiu o golpe, nascido em 1983, tinha insígnias do Libertador, chamava-se Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR-200)<sup>152</sup> e segundo pela imagem imprimida por seu líder (Chávez) na população venezuelana, após sair preso diz as seguintes palavras em rede nacional de televisão:

Antes de mais nada, quero dar um bom dia a todo o povo da Venezuela. Esta mensagem bolivariana é dirigida aos valentes soldados que se encontram no regimento de pára-quedistas de Aráguá e na Brigada Blindada de Valência. Companheiros; lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos colocamos não foram atingidos na capital. Vocês agiram muito bem, porém já é hora de refletir. Virão novas situações e o país tem de tomar um rumo definitivo a um destino melhor. Ouçam minha palavra. O comandante Chávez lhes lança esta oportunidade para que, por favor, reflitam e deponham as armas, porque, em verdade, os objetivos que traçamos em nível nacional são impossíveis de serem alcançados. Companheiros, ouçam esta mensagem solidária. Agradeço sua lealdade, agradeço sua valentia, seu desprendimento e eu, diante do país e de vocês, assumo a responsabilidade deste movimento militar bolivariano. Muito obrigado.<sup>153</sup>

Nasceu nesse momento mais uma transfiguração de Bolívar na história da Venezuela. É sua mais forte representação. Chávez a partir de sua ascensão ao poder elevou o culto a imagem de Bolívar ao mais alto patamar. A partir de 1992, Chávez tornou-se uma das figuras políticas mais populares do país, representava a libertação da Venezuela dos últimos cinquenta anos de dominação dos partidos *puntofijistas*, apontando uma nova direção em que Bolívar é mais do que em qualquer outro momento da história, o Pai da Pátria. Bolívar reencarnou novamente, como nunca havia reencarnado antes.

---

<sup>151</sup> Ibidem. p. 117.

<sup>152</sup> 200 é uma homenagem ao bicentenário do nascimento de Bolívar.

<sup>153</sup> FRÍAS, H. C. apud MARINGONI. G. op. cit. p. 144.

## 4 HUGO CHÁVEZ, O LIBERTADOR REENCARNADO? A BIOGRAFIA E A FABRICAÇÃO DO SOBERANO

*(...) O distanciamento no tempo engana o sentido do espírito tal como o afastamento no espaço provoca o erro dos sentidos. O contemporâneo não vê a necessidade do que vem a ser, mas, quando há séculos entre o vir a ser e o observador, este vê então a necessidade, tal como aquele que vê à distância o quadrado como redondo.*  
(Soren Kierkegaard)<sup>154</sup>

### 4.1 O homem, o mito e a História Oficial

Hugo Rafael Chávez Frías nasceu em 28 de Julho de 1954 no pequeno vilarejo de Sabaneta, Estado de Barinas, localizado próximo aos Andes venezuelanos<sup>155</sup>. Filho de professores, Hugo de los Reyes Chávez e Elena Frías Chávez, teve uma infância humilde, sua família vivia em uma situação financeira precária, o que de alguma maneira fez com que sua avó paterna, Rosa Inés Chávez, ajudasse na criação dos netos, dentre eles o próprio Hugo Chávez, que passou parte de sua infância morando com a avó <sup>156</sup>.

Em 1971 ao completar dezessete anos, Chávez, um jovem amante do beisebol (principal esporte nacional) entra para Academia Militar almejando seguir carreira, pois naquele momento ser militar era um dos principais caminhos que os jovens pobres tinha para obter uma ascensão financeira e social <sup>157</sup>. A geração dos oficiais em que Chávez se formou foi a primeira a receber o título de Licenciado, para isso participavam do curso de Ciências Políticas, entrando em contato com os estudantes civis e obras políticas em geral, que iam do pensamento político clássico as obras mais radicais da esquerda <sup>158</sup>. Aliada a influencia do seu irmão Adán Chávez, militante da esquerda revolucionaria, esta formação pode ter despertado em Chávez o interesse pela política.

---

<sup>154</sup> KIERKEGAARD, S. **Migalhas filosóficas**; ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>155</sup> UCHOA, Pablo. Op. Cit. p. 124

<sup>156</sup> MARCANO, Cristina; TYSZKA, Alberto Barrera. **Hugo Chávez sem uniforme**: uma história pessoal. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004. p. 08

<sup>157</sup> UCHOA, Pablo. Op. Cit. p. 127

<sup>158</sup> MARCANO, Cristina; TYSZKA, Alberto Barrera. Op. Cit. p. 36



A partir do final dos anos setenta e início dos oitenta, Chávez começa a formar um grupo político no interior do exército (agiam secretamente). Inicialmente intitularam o grupo de Exército Bolivariano Revolucionário duzentos (EBR-200), e posteriormente mudaram para Movimento Bolivariano Revolucionário duzentos (MBR-200). Esse grupo já apresentava a idéia de retomada da empreitada histórica de Bolívar, o projeto bolivariano. Esse movimento passou toda a década de oitenta se reunindo com agrupamentos políticos de esquerda, planejando e esperando o melhor momento para entrar em ação e realizar seu objetivo maior: tomar o poder e transformar a Venezuela a partir do modelo bolivariano. Chávez estava à frente dessas movimentações no interior da caserna, e sobre sua liderança em 1992 passaram das idéias para a ação.

Em 4 de Fevereiro de 1992 os venezuelanos foram apresentados pela primeira vez a imagem e as palavras do Tenente- Coronel Hugo Chávez Frias. Sua figura surgiu nos lares venezuelanos nesse dia por meio de uma breve declaração <sup>159</sup> feita por ele em rede nacional de televisão após ser preso acusado de liderar uma tentativa de golpe de Estado. Nessa declaração Chávez assumiu toda a responsabilidade pela fracassada tentativa de golpe, mas em duas palavras não deixou se abater pela circunstancial derrota na tentativa de chegar ao poder: “por enquanto”, ou seja, somente por enquanto deveriam depor-se as armas. Essas palavras simbolizaram que apesar de taticamente recuava na luta pelo poder, ele não estava desistindo, mas apenas esperando um momento mais oportuno para seguir em seu projeto bolivariano para a Venezuela. O próprio Chávez assumiu a importância histórica que teve essa declaração na sua projeção pública em nível nacional, na entrevista concedida em 2004 para a socióloga e jornalista chilena Marta Harnecker, ele disse: “[...] o fato de eu haver assumido, diante das câmaras de televisão, a responsabilidade pelo levante e haver pronunciado a frase “por enquanto” me projetou [...]” <sup>160</sup>. Após quatro meses do dia da declaração Chávez passou de um desconhecido militar golpista para um personagem de grande popularidade, uma

---

<sup>159</sup> Essa declaração está transcrita na íntegra na última página do capítulo anterior.

<sup>160</sup> HARNECKER, Marta. **Um homem, um povo**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 35

pesquisa revelou que 64% dos venezuelanos consideravam-no um líder confiável para dirigir o país <sup>161</sup>.

Chávez já a partir desse momento invocou a figura de Bolívar, colocando-o como legitimador e justificador dos seus atos e fundamento matriz de seu projeto <sup>162</sup>. Para os escritores venezuelanos, biógrafos de Chávez, Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka, Chávez utilizou desde suas primeiras aparições públicas o herói símbolo Bolívar, como uma forma de dividir a responsabilidade de suas ações, segundo eles o que Chávez quer dizer ao se referir a Bolívar é: “Bolívar e eu demos um golpe de estado. Bolívar e eu queremos que o país mude.” <sup>163</sup>. Assim mesmo com o fracasso do golpe Chávez não estava perdido, ele teria que convencer a nação que empunhava a espada de Bolívar, ou seja, era o representante no presente do verdadeiro projeto histórico bolivariano, pois associar-se a um mito diretamente, é fazer parte deste mito. Estar ao lado de Bolívar, representar seu projeto, honrá-lo, é ao mesmo tempo ser Bolívar, desde que haja uma aceitação dos que vivem o mito. MARCANO e TYSZKA dizem que: “Chávez dá nova força ao mito, revitaliza a função de juiz e censor que tem o símbolo e apropria-se de sua função esperançosa, de gesta emancipadora. Pôs de novo um paraíso no futuro” <sup>164</sup>. Chávez teve sua oportunidade e conseguiu aproveitá-la, desenhou no imaginário popular nacional essa imagem de si: o herdeiro de Bolívar, o novo Libertador.

Rendido e preso, foi assim que a nação Venezuela viu e ouviu o homem que nos anos posteriores iria traçar um novo rumo político para a nação, embutido da velha insígnia do Libertador. Esse é um marco histórico de fundamental importância para a compreensão da História venezuelana dos últimos anos com a ascensão de Chávez, mas a História desse homem não começa a partir de 4 de Fevereiro de 1992, ela foi traçada por uma longa trajetória, bem anterior a este evento, que vai da sua infância em Sabaneta <sup>165</sup>, sua entrada na academia militar, sua vida como militar e político, a tentativa de chegada ao poder, à prisão, sua jornada política até sua vitoriosa

---

<sup>161</sup> MARINGONI, Gilberto. Op. Cit. p. 144

<sup>162</sup> MARCANO, Cristina; TYSZKA, Alberto Barrera. Op. Cit.

<sup>163</sup> Ibidem. p. 119

<sup>164</sup> Ibidem. p. 120

<sup>165</sup> Cidade natal de Chávez, onde passou sua infância e adolescência. localizada ..

eleição em 1998 e sua caminhada histórica como presidente, o líder maior a partir de então.

Com sua ascensão a presidência em 1999, toda essa História começa a ser contada e recontada, tem início o processo de fabricação de sua imagem pública como governante, líder de Estado e principal personagem da política nacional. A construção dessas histórias forjadoras e promotoras da imagem de Chávez passa diretamente pelos discursos dos intelectuais que trabalham para o Estado venezuelano ou são entusiastas da revolução bolivariana de Chávez. Este processo de produção intelectual faz parte ativa da sua promoção pública, que sempre teve a frente às imagens e símbolos associados ao Bolívar.

Existe nesse sentido uma conjunção de intelectuais, que exercem cargos oficiais diversos no governo e ao mesmo tempo trabalham na construção de uma história que possa dar projeção a determinada imagem do Hugo Chávez, estabelecida em consonância com a imagem de Bolívar. Podemos observar essa relação entre os intelectuais e o Estado, por conta da própria ação da imprensa oficial venezuelana que foi organizada por Chávez <sup>166</sup>, que promove a distribuição de material impresso e digitalizado das obras que pretendem “contar a história” de Chávez e de sua revolução, ou seja, construir sua imagem.

Pode-se observar no livro (coletânea de artigos) “Para comprender La revolución bolivariana” <sup>167</sup> publicado em 2004, através das edições da presidência (uma das instâncias oficiais da imprensa nacional), que todos os vinte autores que contribuíram com seus artigos, faziam ou fizeram parte direta da direção de alguma instituição estatal. No período da publicação dessa obra o tenente-coronel William E. Izarra era senador e presidente de comissões nessa instituição, o engenheiro Haiman El Troudi era assessor do Ministério do Planejamento e Desenvolvimento, o historiador Arístides Medina Rubio era Diretor da Biblioteca Nacional, o cientista social e professor Luís Bonilla Molina era assessor direto do presidente <sup>168</sup>. Esses são

---

<sup>166</sup> Constituída fundamentalmente pelo *Ministerio del Poder Popular para la Comunicación e la Información* (Ministério do Poder Popular para Comunicação e Informação).

<sup>167</sup> TROUDI. E.T. **Para comprender la revolución bolivariana**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la republica, 2004.

<sup>168</sup> Ibidem

apenas alguns exemplos, pois cada um dos vinte autores estavam relacionados diretamente com o Estado venezuelano. Assim pode-se afirmar a existência de uma “história oficial”, que não só é patrocinada diretamente pelo Estado, mas faz parte ativa de sua estrutura como uma instituição estratégica.

Os intelectuais que trabalham na fabricação da imagem de Chávez têm consciência da força mobilizadora contida na manipulação dos símbolos e mitos no imaginário popular e da força política constituída por essa imagem. Luis Bonilla-Molina e Haiman El Troudi, intelectuais orgânicos da política chavista, dizem: Hugo Chávez há sabido potenciar sus características de personalidad em la imaginación representativa de las masas, há comprendido los significados que la población atribuye a los distintos niveles y actores del poder.<sup>169</sup>

Em 1992 em meio a insurgência de 4 de fevereiro surgiu o homem Chávez, que se associou imediatamente ao mito bolivariano que flutuava ao longo da história venezuelana sobre o imaginário nacional e que ao chegar ao poder em 1999<sup>170</sup> monta uma estrutura formada por políticos e intelectuais com o intuito de oficializar, acelerar e ratificar o processo de fabricação de sua imagem através de obras amplamente divulgadas: a história oficial. Essa história oficial será a fonte de nossa análise ao longo desse capítulo.

## 4.2 Imagens de Chávez: como fabricar um mito bolivariano

“Chávez Nuestro”<sup>171</sup>, este é o título do livro publicado em 2004 pelos jornalistas cubanos, Rosa Miriam Elizalde e Luis Báez<sup>172</sup>. Essa obra consiste de breves narrações sobre a vida de Chávez junto a entrevistas feitas com pessoas próximas a ele, como sua avó, tias, irmãos, filhas, professores, amigos e outras pessoas que de alguma maneira estiveram ligadas a sua vida. O título já revela um dos objetivos da

---

<sup>169</sup> Hugo Chávez tem sabido potencializar suas características de personalidade na imaginação representativa das massas, tem compreendido os significados que a população atribuem aos distintos níveis e atores do poder. BONILLA-MOLINA, Luis; TROUDI, Herman el. **Historia de la revolución bolivariana: pequeña crónica 1948-2004**. Caracas: Ministerio de Comunicación e Información, 2004. p. 276 .

<sup>170</sup> Ver ROMERO, J. E. Op. cit. p. 369

<sup>171</sup> Chávez nosso.

<sup>172</sup> BÁEZ, L.; ELIZALDE, R. M. **Chávez nuestro**. Habana: Casa Editora Abril, 2004.

obra: aproximar o leitor de uma imagem humana de Chávez, através do relato de sua vida íntima, gostos e caráter. Fazê-lo ser mais “nosso”. Mas esse título é paradoxal, ele retrata também o outro lado, o lado mítico, Chávez como santo ou divindade, pois esse título foi retirado de uma “oração” feita para ele logo após sua prisão em 1992, por um anônimo em Caracas, sendo ela uma versão modificada do Pai Nosso<sup>173</sup>.

Chávez nuestro que estás em la cárcel, santificado sea tu golpe, venga (vengar) a nosotros, tu pueblo, hágase tu voluntad, la de Venezuela, la tu ejército, danos hoy la confianza ya perdida, y nos perdones a los traidores, así como tampoco perdonaremos a los que te aprehendieron. Sálvanos de tanta corrupción y líbranos de Carlos Andrés Pérez. Amén.<sup>174</sup>

Essa oração não pode ser vista como uma simples declamação da divinização de Chávez, até por ser constituída de elementos bem “carnais” da política daquele momento: prisão, golpe, exército e corrupção. Mais não deixa de ser uma oração, e traz elementos típicos da religiosidade tal como santificar o golpe. Esse elemento caracteriza bem esse meio desencontro entre a imagem de Chávez homem e santo que carrega a obra de ELIZALDE E BÁEZ. Fundamentada nos testemunhos pessoais daqueles que orbitaram no entorno da vida de Chávez. Não se encontra em suas linhas questionamentos ou críticas a qualquer passagem e ato de sua vida, cada depoimento segue a sua trajetória como se passo a passo Chávez fosse se preparando para a conquista do poder.

Não se julga a opinião de uma mãe para com o filho, mas a constituição de uma obra biográfica pela perspectiva única de familiares próximos, não sendo feita nenhuma análise dos sentimentos e afetos que permeiam os relatos. O que projeta assim como imagem é o “Chávez nosso” (filho e amigo) como o “Chávez nosso” líder político, sendo a indistinção entre as duas imagens a própria finalidade da locução do texto. Traçou-se nessa obra uma estratégia de aproximação virtual do leitor com

---

<sup>173</sup> Oração popular cristã.

<sup>174</sup> Chávez nosso que está na prisão, santificado seja o teu golpe, venha (vingar) para nós, teu povo, obtenha tua vontade, da Venezuela, do seu exército, dai-nos hoje a confiança perdida, e sem perdão aos traidores, e nem perdoaremos os que te prenderam. Salve-nos de tanta corrupção e livrai-nos de Carlos Andrés Pérez. Amém. ANÔNIMO. Apud: BÁEZ, L.; E., Rosa Miriam. **Chávez nuestro**. Habana: Casa Editora Abril, 2004. p. 09

Chávez, que se expressa na própria capa<sup>175</sup>, onde Chávez aparece com roupas vermelhas e uma boina, com as duas mãos sobre o ombro representando um abraço e com os olhos meio fechados e um largo sorriso aberto no rosto, em uma postura de carinho. Ali se simboliza um político (roupas vermelhas, símbolo da campanha de 1998), um militar (boina) e fundamentalmente o amigo (o abraço e o sorriso).

Na obra de ELIZALDE e BÁEZ, Chávez é apresentado já em sua infância como uma criança com bastantes qualidades que o arremetem para o seu caráter de liderança, no depoimento de sua mãe Elena Frias, ela diz: “Bueno, que era muy simpático, muy cariñoso com los demás, a pesar de su carácter fuerte. Siempre há sido muy inteligente [...]”<sup>176</sup>, características bem típicas de um líder: simpático, carinhoso, mas forte e inteligente.

Em outra passagem do livro, ELIZALDE e BÁEZ, entrevistam a professora da infância de Chávez, Egilda Crespo. Questionada sobre “como era o aluno”, ela responde:

Se sentaba em el primer puesto, frente a mi, a la derecha. Él era tan humilde como generoso [...] Era muy observador [...] Él estaba fascinado com la Historia. [...] En la aula no solo teníamos el retrato Zamora. También, estaba el de Simón Bolívar y un ricón pátrio[...]<sup>177</sup>

Novamente destacam-se as qualidades de um dirigente, como a humildade, generosidade e a capacidade de observação. Mas também surge a questão de Bolívar, que mesmo não estando presente na pergunta, acaba sendo “revelada” e destacada pela professora, que mostra a importância que cumpriu a escola na formação patriótica de Chávez.

---

<sup>175</sup> Anexo

<sup>176</sup> Bem, era muito simpático, muito carinhoso com os demais, apesar de seu caráter forte. Sempre foi muito inteligente (...) BÁEZ, Luis; ELIZALDE, Rosa Miriam.Op. Cit. p. 21

<sup>177</sup> Sentava-se na primeira carteira, em frente a mim, à direita. Ele era tão humilde quanto generoso [...]. Era muito observador [...]. Ele estava fascinado pela História [...]. Na aula não só tínhamos o retrato de Zamora. Também, estava o de Simon Bolívar em um canto da pátria [...]. Ibidem.

Quando questionam o pai de Chávez, Hugo de los Reyes Chávez, sobre qual a época em que Chávez na infância havia entrado em contato pela primeira vez com Bolívar, ele responde:

Desde muy pequeño le gustó la lectura. Debe haberlo descubierto em la escuela, cuando comenzó a leer los libros de Historia. Desde niño há sido amante de la Geografía, la Matemática, la Física. Pero la Historia fue y sigue siendo su gran pasión. Es muy difícil que um venezolano no ame a Bolívar. Imagínase él, que desde pequeño tenía a la pátria em el corazón.<sup>178</sup>

Nessa passagem pode-se observar uma questão interessante: a preocupação dos autores, ELIZALDE e BÁEZ, em buscar resgatar o primeiro contato de Chávez com a história de Bolívar, sua “iniciação” no bolivarianismo, tentando achar em um lugar comum (Bolívar é apresentado desde cedo a todas as crianças na Venezuela, por ser o grande herói nacional) uma situação impar (a excepcionalidade de Chávez). Na resposta de Hugo Reyes, apresenta-se ao mesmo tempo um Chávez que é mediano (comum), igualado a maioria dos venezuelanos (que também amam Bolívar), a outro Chávez, mais específico e diferenciado, aquele que desde pequeno tem a pátria no coração, passando do ponto de admiração a uma questão moral profunda, o amor a pátria, característica que lhe torna uma criança distinta.

A importância de destacar o papel dos pais, da professora, dos parentes e amigos, nos depoimentos e na narrativa de ELIZALDE e BÁEZ, é também de constituir uma formação moral para imagem de Chávez, fundada tanto em sua suposta predisposição (seu caráter e amar a pátria desde pequeno), quanto nas boas influências externas (a escola e a professora com a História que destacava o heroísmo de Bolívar). Chávez não surgiu assim como um líder *a priori*, mas já se apresenta nessa constituição imagética de sua infância, com várias características que um bom dirigente necessita para conquistar e manter o poder. Bolívar surge nessa narrativa como um pai moral, um exemplo de amor a pátria.

---

<sup>178</sup> Desde muito pequeno ele gostava de leitura. Deve ter-lo descoberto na escola, quando começou a ler os livros d História. Desde criança era amante da Geografia, da Matemática, da Física. Porém a História foi e segue sendo sua grande paixão. É muito difícil que um venezuelano não ame Bolívar. Imagine ele, que desde pequeno tem a pátria em seu coração. Ibidem. p. 23

Outra obra que retrata a biografia de Chávez passando por sua infância se chama: “Historia de la Revolución Bolivariana”<sup>179</sup>, do engenheiro Haiman El Troudi e do cientista político Luis Bonilla-Molina. Nela pode-se observar uma narrativa que opta pela idéia de que a “Revolução Bolivariana” é um longo processo histórico, que se iniciou com Bolívar, e que despontou no século XX a partir de diversos movimentos políticos. Essa “longa duração” revela-se no próprio subtítulo da obra: “Pequeña Crónica 1948-2004”<sup>180</sup>, onde os autores optaram por restringir o “longo período” que eles propõem para o movimento bolivariano (mais de duzentos anos), em “apenas” 56 anos, para tornar assim a obra mais sintética.

BONILLA-MOLINA e TROUDI apresentam Chávez em sua infância em um subtópico que por seu título merece um breve comentário, chama-se: “Nace el líder de la revolución bolivariana”<sup>181</sup>. Nesse momento eles advertem o leitor que o nascimento e a infância de Chávez têm de ser vistos como o nascimento e a infância do líder da revolução. Como havia sido apontado anteriormente, a revolução bolivariana é um processo para esses autores que se arremete a uma longa duração, estando localizada em um tempo muito anterior ao nascimento de Chávez, ultrapassando os séculos e os homens na história da Venezuela. Mas o líder, segundo BONILLA-MOLINA e TROUDI, nasceu em 1954 em Sabaneta, algo revelador sobre a própria condição histórica que eles atribuem a Chávez, como se ele fosse o homem que já nascesse para liderar um movimento que o transcende, um homem que tem uma missão histórica que veio para fechar um ciclo de dois séculos desde Bolívar. Pode ser sutil, mas existe uma diferença em nascer e se transformar líder e nascer líder. Sutilizas que constroem imagens. Pode-se exemplificar essa idéia dos autores em um trecho da obra:

Es decir, la Revolución Bolivariana es un proceso colectivo de construcción que sintetiza luchas, experiencias y combates por la dignidad, justicia, equidad y compromiso social del Estado a partir de la mirada solidaria de los más humildes. Chávez es hijo pródigo de este recorrido histórico de resistencias populares. Allí reside la mayor legitimidad de su mando y la razón social de su liderazgo revolucionario continental.<sup>182</sup>

---

<sup>179</sup> História da Revolução Bolivariana. BONILLA-MOLINA, Luis; TROUDI, Herman el. Op. Cit.

<sup>180</sup> Pequena Crônica 1948-2004

<sup>181</sup> Nasce o líder da revolução bolivariana. BONILLA-MOLINA, Luis; TRUDI, Herman el. Op. Cit. p. 28.

<sup>182</sup> Ou seja, a Revolução Bolivariana é um processo coletivo em construção que sintetiza lutas, experiências e combates pela dignidade, justiça, equidade e compromisso social do Estado a partir do olhar solidário para com os mais humildes. Chávez é filho prodigo deste processo histórico de



Mais a frente na narrativa BONILLA-MOLINA e TROUDI falam sobre a infância de Chávez nos seguintes termos:

El 28 de Julio de 1954, em el pueblo de Sabaneta, Municipio Alberto Arvelo Torrealba del estado Barinas, nace Hugo Rafael Chávez Frías, quien sería luego el líder de la revolución bolivariana. Hijo de dos maestros de escuela, Chávez crece em medio de una familia com las limitaciones económicas propias de todo hogar de docentes, pero con la ventaja de una alta valoración de las ideas, el conocimiento y el aprendizaje significativo.<sup>183</sup>

Aqui é destacada novamente a importância da formação intelectual e moral na infância de Chávez, que nas palavras dos autores, apesar de ter vindo de uma família com limitações econômicas, ele teve a vantagem de ser filho de professores, pois recebeu uma excelente formação em casa. Dessa maneira é formada a imagem do líder da revolução na narrativa: nasceu pobre em uma localidade longínqua e marginal, mas desde o berço tivera excelente formação moral e intelectual.

Pode-se destacar também a busca por uma genética revolucionária na formação de Chávez, creditando sua “veia” revolucionária a uma raiz familiar. O historiador e jornalista inglês, Richard Gott diz em sua descrição biográfica sobre Chávez, diz:

A história recente está ainda à flor da pele nesta região e a própria família Chávez representa a herança de algumas das tradições rebeldes do século 19. O bisavô do pai de Chávez era o coronel Pedro Pérez Pérez, um chefe guerrilheiro da década de 1840. Ezequiel Zamora convenceu esse coronel Pérez Pérez a unir-se a seu Exército do Povo Soberano e a lutar a seu lado contra a oligarquia latifundiária. O filho do coronel Pérez, por sua vez, foi outra figura legendária. Trata-se do general Pedro Pérez Delgado, conhecido como Mainsanta, que se rebelou contra a ditadura de Juan Vicente Gómez. Casou-se com uma mulher do povo, Claudina Infante. E juntos tiveram duas filhas. Uma delas, Rosa, foi a avó de Hugo Chávez.<sup>184</sup>

---

resistências populares. Aqui reside a maior legitimidade de seu poder e a razão social de sua liderança revolucionária continental. BONILLA-MOLINA, Luis; TROUDI, Herman el. Op. Cit. p. 102

<sup>183</sup> Em 28 de Julio de 1954, a localidade de Sabaneta, município Alberto Arvelo Torrealba do Estado de Barinas, nasceu Hugo Rafael Chávez Frías, que seria então o líder da revolução bolivariana. Filho de professores, Chávez cresceu em meio a uma família com as limitações econômicas próprias da casa de docentes, mas com a vantagem de uma alta valorização das idéias, do conhecimento e da aprendizagem significativa. Op. Cit.

<sup>184</sup> GOTT, R. **À sombra do libertador**: Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.61

Na obra “Chávez nuestro” de ELIZALDE e BÁEZ, existem referências ao passado revolucionário dos ancestrais de Chávez, no depoimento de sua tia- avó Ana Domínguez de Lambano, ela diz:

Maisanta era um hombre grandote, fornido, Blanco con el catirruelo, poque su madre había sido uma blanca muy bella y de gran clase, y su padre un moreno grandote también. Hugo es más venezolano, pero es el mismo espíritu, y la misma cara. Compare sus retratos. El día em que se apareió en la sala de mi casa, vestido de militar, y me dijo que era bisnieto de Maisanta, no lo dudé, porque era como regressar la edad de nueve años, cuando mi padre y yo nos conocimos.<sup>185</sup>

Na passagem da obra de BONILLA-MOLINA e TROUDI também pode-se observar uma citação direta sobre seus antecedentes rebeldes: “Proveniente de una familia vinculada al partido social cristano COPEI, sin embargo, desde Maisanta, em los antecedentes de la familia está presente el germen de la rebeldía.”<sup>186</sup>

Esse resgate histórico dos ancestrais revolucionários de Chávez é outra estratégia usada na fabricação da imagem do soberano. Os biógrafos não dizem abertamente que existiu uma herança genética ou cultural (que passasse de geração a geração) que influenciasse diretamente a formação de líder revolucionário em Chávez, entretanto ao se recuperar nesse passado longínquo relações familiares entre ele e os velhos revolucionários, seja Maisanta ou Pérez Pérez, busca-se no fundo resgatar um desejado “sangue” rebelde (até mesmo bolivariano) que represente suas “origens” revolucionárias, mesmo que para isso tem-se que se ir um pouco longe (não se trata de familiares próximos como pais, avós ou tios, por exemplo). A partir desses personagens construíram-se especulações hereditárias que veladamente “surgem” para “explicar” e “entender” a vida de Chávez. Essas imagens que retratam o passado revolucionário de familiares de Chávez tiveram e tem grande peso simbólico na construção de sua biografia, servindo na promoção de sua

---

<sup>185</sup> Maisanta era um homem grande, vigoroso, branco, com a pele..., porque sua mãe havia sido uma branca muito bonita e de grande classe, e seu pai um moreno grande também. Hugo é mais venezuelano, mas tem o mesmo espírito e a mesma cara. Compare seus retratos. O dia em que apareceu na sala de minha casa, vestido de militar, e me disse que era bisneto de Maisanta, não duvidei dele, pois era como regressar a idade de nove anos, quando meu pai e eu nos conhecemos. BÁEZ, L; ELIZALDE, R. M.Op. Cit. p. 60-61

<sup>186</sup> Proveniente de una familia vinculada ao partido social cristão COPEI, contudo, desde Maisanta, no fundo da família está presente o germe da rebeldia. BONILLA-MOLINA,Luis; TROUDI, Herman el. Op. Cit. p. 48-49

imagem principalmente no que diz respeito ao seu “sangue” rebelde e suas origens revolucionárias.

Tem de se destacar também a imagem de militar exemplar que é sempre creditada a Chávez, ou seja, ele ao mesmo tempo é apresentado em sua trajetória como um rebelde insurgente e um aplicado, disciplinado e organizado homem da caserna. Em uma passagem da obra de BOLLINA-MOLINA e TROUDI, eles destacam que:

Fueran años de lucha interior que contribuirían a moldear el pensamiento “no alineado” de Chávez, que le permitirían entender la necesidad de construir un proyecto de liberación nacional auténticamente nustramericano.<sup>187</sup>

Assim os autores resolveram a possível contradição entre a ordem e a rebeldia na construção da imagem do líder. Chávez não deixou de ser um militar defensor da ordem, passando a ser um militar rebelde em uma simples mudança de perspectiva momentânea, pois isso pareceria muito volúvel vindo de um “homem moral” e vigoroso, teve que se constituir um longo período (“foram anos”) de reflexão, de “luta interior”. Ele passou a conhecer mais profundamente a realidade de “seu” povo e de entender as necessidades destes, para decidir (moralmente) por se rebelar, através de um projeto que representasse verdadeiramente “nossa América”. Resolve-se assim a questão do Chávez militar, sua imagem passa a representar o militar disciplinado que se rebela pela defesa moral do povo, instrumentalizado pelo projeto bolivariano (o projeto de “nossa América”).

O papel de liderança assumido por Chávez frente à “histórica” revolução bolivariana é inquestionável nas narrativas. Construiu-se uma visão unímoda de sua primazia como líder, na passagem do texto Haiman El Troudi, pode-se observar a constituição dessa representação no discurso: “(...) no dicho desde la lógica de los teóricos de la revolución sino dicho por el propio líder fundamental de este proceso, el Presidente Chávez” <sup>188</sup>. Dentro dessa representação, a imagem de Chávez associa-se diretamente a certa fatalidade processual de sua liderança, sendo o “líder

---

<sup>187</sup> Foram anos de luta interior que contribuíram para formar o pensamento “não alinhado” de Chávez, que lhe permitiriam entender a necessidade de construir um projeto liberação nacional autenticamente nustramericano. Op. Cit. p. 54

<sup>188</sup> [...] não digo da lógica dos teóricos da revolução mas digo pelo próprio líder fundamental deste processo, o Presidente Chávez. TROUDI, H. E. (org) Op. cit. p. 27

fundamental”, como já caracteriza a mensagem um “ser fundamental”, transparecendo a inevitabilidade do seu poder e maximizando sua importância no “longo” processo revolucionário, mesmo que este em tese o transcenda.

O cientista político alemão Heinz Dieterich, amigo íntimo de Chávez e um dos principais teóricos de sua política, utiliza a titulação de Comandante para designar Chávez: “[...] el Comandante Chávez especificó su formulación original [...]”<sup>189</sup>. O jornalista Gaspar Velásquez que trabalhou em várias instâncias estatais também emprega para Chávez esse título: “Y una de las fortalezas del Comandante Chávez y una de las cosas que yo [...]”<sup>190</sup>. Podem-se dar dezenas de exemplo desse tratamento dado a Chávez: o presidente Comandante. Esta representação não é simplesmente uma lembrança da carreira militar de Chávez (até porque ele foi Tenente-Coronel) ela na verdade serve para representar o comando da revolução e da própria Venezuela, surgindo dela a imagem de um militar que pode e deve como Comandante ser o “líder fundamental” da revolução. Associando essa titulação com a intenção demonstrada anteriormente de delegar a Chávez a inevitabilidade e a exclusividade da liderança, emerge a imagem do Comandante supremo, operando em favor de sua mitificação em associação ao Comandante do povo: Bolívar (a titulação de Comandante é histórica na representação de Bolívar).

Sobre a natureza política de Chávez e de seu governo, pode-se destacar uma constituição mais eclética das representações construídas, entretanto Bolívar não ficou fora de nenhuma dessas representações, seja as que projetam em Chávez um governante clássico, líder de uma revolução histórica ou os que o vêem como uma representação da pós-modernidade, de uma nova política, de uma nova era na constituição do Estado. Mas não existe radicalismo nessas interpretações e a imagem que escapa entre elas é quase sempre uma posição intermediária. Na narrativa do Richard Gott pode-se observar uma clara tendência a apresentar Chávez como um líder clássico, mais especificamente um representante da esquerda histórica, entretanto “reconstruindo seu país” através de um modelo inovador, ele diz:

---

<sup>189</sup> [...] o Comandante Chávez especificou sua formulação original (...). DIETERICH, R. **Hugo Chávez y el socialismo del siglo XXI**. Venezuela: Monte Avila Editores, 2007. p. 02

<sup>190</sup> E uma das fortalezas do Comandante Chávez e uma das coisas que eu (...). TROUDI, H.E. (org) Op. cit. p.61

Um revolucionário de esquerda pode parecer um conceito anacrônico para os princípios do século 21, mas é exatamente o que Chávez é: um soldado no estilo de Cromwell, que aspira a reconstruir seu país de acordo com um modelo totalmente novo.<sup>191</sup>

Marta Harnecker abre seu livro discutindo sobre a compreensão do que é Chávez e o processo que ele desencadeou na Venezuela, ela diz no segundo parágrafo: “Não é de se surpreender que isso ocorra, já que se trata de um processo *sui generis*, que rompe com os esquemas preconcebidos dos processos revolucionários”<sup>192</sup>. Chávez nessa representação rompe o “esquema” clássico, seu processo é aqui *sui generis*. BONILLA- MOLINA e TROUDI, os mesmo que defendem a longa trajetória histórica da revolução liderada por Chávez, dizem que: “Cuando Hugo Chávez ganó las elecciones presidenciales de Diciembre de 1998, Le Monde Diplomatique tituló que éste sería el primer gobierno posmoderno del planeta. Afirmación que no deja de tener um velo de verdad.”<sup>193</sup> Aqui se projeta uma representação de um Chávez “novo”, adjetivado pela pós-modernidade. Algo que em si não descaracteriza sua roupagem bolivariana, pois aqui o próprio Bolívar e o bolivarianismo também se apresentam como pós-modernos, pois não existe o lugar da dissociação de Chávez e do Libertador, apenas diferentes compreensões sobre a classificação do evento político. O próprio Bolívar e seu projeto assumem assim a pós-modernidade.

DIETERICH não resume a imagem de Chávez a uma liderança venezuelana ou latino-americana clássica ou pós-moderna, ele vai além ao considerar Chávez o líder de uma revolução mundial, que transcende a própria “terra de Bolívar”:

Hugo Chávez se ha puesto a la cabeza de la Revolución Mundial al definir como una necesidad teórica-práctica mundial la “invención del socialismo del siglo XXI”, es decir un socialismo “ambientado al nuevo siglo”. Al mismo tiempo, este pronunciamiento implica que el Presidente venezolano trascienda el Proyecto Histórico del Libertador Simón Bolívar (...).<sup>194</sup>

---

<sup>191</sup> GOTT, R. Op. Cit. p. 25

<sup>192</sup> HARNERCKER, M. Op. Cit. p. 07

<sup>193</sup> Quando Hugo Chávez ganhou as eleições presidenciais de dezembro de 1998, *Le Monde Diplomatique* intitulava que este seria o primeiro governo pós-moderno do planeta. Afirmção que não deixa de ter um véu de verdade. BONILLA-MOLINA,L.; TROUDI, H. E.. Op. Cit. p. 190

<sup>194</sup> DIETERICH, H. Op. Cit. p. 17

A imagem de Chávez feita a partir da narrativa de DIETERICH assume uma proporção superior a qualquer outra, pois ao vislumbrar uma revolução mundial o cientista político alemão vê em Chávez a representação do líder mundial. Esta representação de Chávez não foge da referência a Bolívar, entretanto a transcende, elevando-o para além das fronteiras bolivarianas, para além de seu projeto clássico, universalizando Chávez, conseqüentemente universaliza-se Bolívar. Nesse momento no discurso de DIETERICH, pela primeira vez Bolívar não surge à frente de Chávez capitaneando suas ações regionais, mas Chávez leva-o ao mundo ultrapassando sua revolução pela unidade latino-americana e as transformando em uma revolução por uma nova humanidade. Essa é a imagem mais radical da potencialidade e do poder de Chávez fabricada em sua promoção oficial.

Os jornalistas cubanos ELIZADE e BÁEZ destacam o depoimento de uma velha amiga de Chávez, Milagros Flores de Reyes. Ela não mede palavras ao comparar a figura de Chávez com a de Bolívar. Traçando associações que levam ao leitor uma imagem de Chávez que beira ao sobrenatural. A representação de Bolívar torna-se a própria encarnação do Libertador, em um jogo de ser e não:

Es, además un historiador nato. Cuando comienza a hablar de Bolívar pareciera que el Libertador está dentro de él. Una siente que él estuvo em esos lugares, que logra ver lo que veía Bolívar. Te habla de los árboles, de los animales que lo acompañaron, de los objetos que lo rodeaban. Un día se lo hice notar: "Usted lo encarna". Él se sonrió y me respondió: "cuidado, comadre, com lo que dice".<sup>195</sup>

Para além da encarnação de Bolívar, Chávez pode ser representado como uma figura divina, uma espécie de santo, algo herdado da própria figura do Libertador. BONILLA- MOLINA e TROUDI ao narrarem às comemorações do aniversário de Chávez em 1999, dizem:

Reunidos em la Plaza Caracas, miles y miles de personas se suman, com tortas y pasteles, coros y mariachis, declamadores y músicos autóctonos, a

---

<sup>195</sup> É, além disso um historiador nato. Quando começa a falar de Bolívar parece que o Libertador está dentro dele. Sentimo-nos que ele esteve nesses lugares, para ver o que viu Bolívar. Fala das árvores, dos animais que o acompanharam, dos objetos que o rodeavam. Um dia eu o avisei: Você o encarna". Ele sorriu e me disse: "cuidado comadre com o que diz". BÁEZ, L; ELIZALDE, R. M.Op. Cit

la celebración del cuadragésimo quinto aniversario del nacimiento del “nuevo redentor” del pueblo venezolano.<sup>196</sup>

A palavra “novo redentor” na citação de BONILLA-MOLINA e TROUDI, pode assumir o caráter secular, sua ligação a redenção no sentido político ou um caráter sagrado no sentido da ligação com Cristo ou qualquer figura sacralizada. GOTT ao analisar o impacto popular da chegada de Chávez a política nacional, conclui que:

Em um país onde as seitas evangélicas cresceram exponencialmente durante os últimos vinte anos, a ponto de chegar a desafiar o poder, e onde é grande a influência da Igreja católica, o aparecimento de tenente-coronel Chávez no cenário político foi acolhido como o regresso do Messias.<sup>197</sup>

O mito do Libertador em si carrega uma carga histórica de sacralidade, que se transfere ao seu portador, Chávez projetou-se assim como a representação de Bolívar, e que pela natureza histórica do mito bolivariano carrega a espada secular do poder e da liderança política, revestida pelo manto da sacralidade que é intrínseco a natureza do culto bolivariano e seu ritual.

---

<sup>196</sup> Reunidos na Praça Caracas, milhares e milhares de pessoas se somam, com bolos e pasteis, corais e mariachis, declamadores e músicos locais, a celebração do quadragésimo quinto aniversário do nascimento do “novo redentor” do povo venezuelano. BONILLA-MOLINA, L.; TROUDI, H. E.. Op. Cit. p. 168

<sup>197</sup> GOTT, R. Op. Cit. p. 43

## 5 BOLÍVAR: A SENHA DE ACESSO AO IMAGINÁRIO POLÍTICO

*Tal como o povo, perante quem seja entendido no tempo e o preveja com um dia de antecedência, admite tacitamente que ele faz o tempo, assim também mesmo pessoas cultas e doutas, recorrendo a uma fé supersticiosa, atribuem aos grandes estadistas todas as alterações e conjunturas importantes que se deram durante o seu governo, como se estas fossem a sua obra mais pessoal, quando é simplesmente visível que aqueles souberam alguma coisa do assunto mais cedo do que outros e fizeram o seu cálculo em conformidade: portanto, são também tomados por fazedores do tempo(...) e essa crença não é o mais insignificante instrumento do seu poder.<sup>198</sup>*  
(Friedrich Nietzsche)

### 5.1 Entre as palavras, as imagens e os espíritos

Jonathan Swift escritor irlandês que viveu entre os séculos XVII e XVIII, publicou em 1726 a sua maior obra literária: “Viagens de Gulliver”<sup>199</sup>. Nesse romance SWIFT relata as viagens do comandante Lemuel Gulliver, que após um naufrágio passou a visitar diversas nações com características fantásticas, como Lilliput, onde os seres humanos seriam pequenos e “belos”, mas extremamente perversos e Brobdingnag, onde inversamente ao exemplo de Lilliput, os humanos são gigantes e generosos, mas se destacam por sua mediocridade.

SWIFT buscou apresentar duras críticas a política e a sociedade do seu tempo, além de fazer uma reflexão muito pessimista sobre a humanidade de forma geral. Entre as diversas nações visitadas por Gulliver pode-se citar os Glubbdudrib, um reino de feiticeiros, onde o soberano tinha o poder de evocar os espectros dos grandes vultos da História e os submetê-los a sua serventia durante 24 horas. Gulliver é recebido pelo rei de Glubbdudrib, que lhe concede a oportunidade de encontrar quais vultos históricos que desejasse e fazer-lhes as perguntas que considerasse conveniente. Gulliver prontamente faz uma lista de personagens, dentre os quais estavam os nomes de grandes filósofos, generais e estadistas, tais como Júlio César, Homero, Sófocles, Eurípedes, Aristóteles, Descartes, entre outros. Gulliver se decepciona

---

<sup>198</sup> NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

<sup>199</sup> SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.



com as respostas encontradas, pois aqueles grandes homens ao se apresentarem a ele, fugiam completamente do que ele encontrara nas páginas dos livros de História.

No seu exercício de crítica à humanidade, SWIFT destaca na narrativa uma imensa mediocridade, fraqueza, incapacidade, ignorância, falsidade e inveja nos mais importantes personagens da História. Ao se adentrar as falas públicas de Hugo Chávez pode-se perceber o inverso da proposição do velho escritor irlandês, pois Chávez ao evocar a “imagem viva” de Bolívar, e apropriar-se de seu “espírito verdadeiro”, como fizera sobrenaturalmente o rei Glubbdudrib, Chávez “encontra” apenas adjetivos positivos no que concerne sua exaltação ao Libertador, pois essas refletem sua própria imagem. Assim em seu trabalho de fabricação de sua imagem pública, Chávez ao citar Bolívar está indiretamente falando de si, como se houvesse uma encarnação de personagens, ora Chávez evoca Bolívar, ora Chávez confunde-se com Bolívar. Enquanto SWIFT estava desconstruindo os ícones da História, afastando-se de sua sociedade, Chávez está reconstruindo e apropriando-se de um ícone para conquistar a sua sociedade.

O Libertador apresenta-se como um espírito que se arrasta pelo passado, presente e futuro da Venezuela, sendo o exemplo moral que na retórica de Chávez norteia todas as suas ações, além de carregar todas as respostas para as questões coletivas e individuais, tais como a organização política e administrativa, os valores e o comportamento dos indivíduos, os ideais nacionais, planejamento econômico e financeiro, porquanto todas as demandas da sociedade podem e devem ser resolvidas a partir do discurso bolivariano de Chávez, que segundo suas palavras expressam o verdadeiro Bolívar:

## **5.2 Bolívar está vivo !**

Em 2005 no IV encontro da Cúpula da Dívida Social, onde se reuniram diversos governantes, políticos e líderes de esquerda para discutir os problemas sociais da América Latina, Hugo Chávez em seu discurso diz: “(...) cómo convertir las ideas em

fuerza? Bolívar es una idea fuerza, cómo motiva, es un motor.”<sup>200</sup> . Nesse ponto Chávez mostra a importância do Bolívar na sua ação política, pois ele é o centro de seu discurso, é o alicerce de sua retórica. Todas as falas públicas de Hugo Chávez são carregadas das imagens de Simon Bolívar.

El primer libro es la Biblia, el viejo testamento, el nuevo testamento, el sermón de la montaña, el verdadero sermón. Ustedes saben que el sermón de la montaña tienes varias versiones, así como hicieron con Bolívar que escondieron cartas de él, las quemaron para luego la oligarquía venezolana, la colombiana, poder manipular, utilizando a Bolívar contra el propio Bolívar, contra el propio pueblo.<sup>201</sup>

Hugo Chávez demonstra sua percepção da multiplicidade histórica das apropriações de Bolívar. Mas ele não relativiza essas perspectivas, ao contrário, ele as reduz ao interesse de um grupo: a oligarquia, que é apresentada como se fosse um simples bloco histórico homogêneo, que está historicamente deturpando a imagem de Bolívar. Sendo que o verdadeiro Bolívar, para Hugo Chávez, aquele que lutou pela independência frente à coroa espanhola, no tempo presente ressurgiu em suas palavras. Chávez parece não admitir que interpreta “um” Bolívar entre tantos, mas que apenas objetiva “o Bolívar” como ele realmente foi e o é, ou seja, ele dá voz ao verdadeiro Bolívar.

A primeira constatação que se tem ao analisar os discursos é que em todos eles Bolívar é citado, tanto em seus pensamentos, quanto em suas ações em vida (citações biográficas). Essa pesquisa que compreende um *corpus* documental de mais de 20 coletâneas de falas públicas, que se estendem no tempo cronológico de 1993 à 2009, não teve nenhum descarte ou seleção sobre essas fontes pelos parâmetros da utilização ou não de Bolívar como instrumento retórico por Chávez, pois todas as falas continha Bolívar de maneira abundante.

---

<sup>200</sup> (...) como transformar as idéias em força? Bolívar é uma idéia-força, como motivador, é um motor. FRÍAS. H. C. **IV Cumbre de la deuda social**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005. p. 28.

<sup>201</sup> O principal livro é a Bíblia, o velho testamento, o novo testamento, o sermão da montanha, o verdadeiro sermão. Vocês sabem que o sermão da montanha tem varias versões, assim como fizeram com Bolívar que esconderam cartas dele, as queimaram em seguida, a oligarquia venezuelana e colombiana, manipulação do poder, utilizando Bolívar contra ele mesmo, contra o próprio povo. Ibidem. **Entramos a uma nueva era; el proyecto nacional Simón Bolívar**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007. p.61-62.

O fato de Chávez utilizar em seus discursos Bolívar exacerbadamente em ocasiões completamente díspares, como por exemplo: fazendo um discurso de posse, em uma análise de governo, em uma inauguração de uma escola ou hospital ou mesmo na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), não significa que ele tenha um grande repertório de citações de e sobre Bolívar. O Bolívar de Chávez não é tão largo quanto parece, pois suas palavras são repetitivas. O que permite Chávez ter a capacidade de reformatar seu discurso aos meios que fala, é a amplitude de sua retórica. Bolívar na apropriação de Chávez é o humanitário, o guerreiro, o general, o justiceiro, o revolucionário, o professor, o sábio, o cristão, o marido, o pai, o político, o juiz, o filósofo e o profeta, sendo o título de Libertador o resumo de todas essas propriedades, e podendo pelas palavras de Chávez visualizar todas essas faces de Bolívar em poucos exemplos.

Em fevereiro 1993 quando Hugo Chávez completou um ano de prisão após sua malograda tentativa de golpe ele lança uma mensagem para a nação intitulada de: *“Mensaje Bolivariano del comandante Hugo Chávez Frías a la Nación: a un año del 4F aniversario de la Dignidad”*<sup>202</sup>. Nessa mensagem pode-se perceber claramente a preocupação que ele teve em resgatar da figura Bolívar, principalmente sendo essa sua primeira comunicação voltada para a população venezuelana após a declaração de 4 de fevereiro de 1992, Hugo Chávez diz:

Origen del Movimiento Bolivariano: El año Bicentenario del natalicio de Simón Bolívar comenzó el 24 de Julio de 1982 y concluyó 365 días después, es decir, la fecha exacta em que se cumplieron los 200 años del parto aquél em San Jacinto.<sup>203</sup>

Chávez na mensagem faz a associação direta entre a origem do movimento que liderou até a tentativa de golpe de 1992, com a imagem do herói da libertação. A gênese do movimento encabeçado por Chávez está associada (por data) ao próprio nascimento de Bolívar, não surgiu ao acaso, “nasceu junto a Bolívar”, após exatos

---

<sup>202</sup> Mensagem Bolivariana do comandante Hugo Chávez Frías a nação: a um ano do 4F Aniversário da Dignidade. Ibidem. **Mensaje Bolivariano del comandante Hugo Chávez Frías a la Nación: a un año del 4F aniversario de la Dignidad.** Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.

<sup>203</sup> Origen do Movimento Bolivariano: O ano do Bicentenário do nascimento de Simon Bolívar começou no dia 24 de julho de 1982 terminou 365 dias depois, ou seja, a data exata em que se cumpriram 200 anos do parto dele em San Jacinto. Ibidem. p.12.

dois séculos, Bolívar renasceu em um movimento que daria daquele momento em diante prosseguimento ao seu projeto histórico.

Para além do culto e da idolatria de um Bolívar na história ou na memória, uma figura potente do passado, um ídolo maior, o Libertador aparece nas interpelações de Chávez sempre no presente como se estivesse vivo, pairando sobre a Venezuela, nessa apropriação de Chávez Bolívar é o Chefe maior, o Pai de todos e eterno, o General da revolução, o Líder máximo, entre vários outros títulos comumente empregados nos discursos, ultrapassando a recordação e instaurando sua presença no momento de sua fala. Chávez diz na mensagem a nação feita na prisão em 1993: “(...) *nuestro máximo líder, el General Simón Bolívar(...)*”<sup>204</sup>. Em 1999 no discurso de posse de 2 de fevereiro, em seu primeiro discurso como presidente venezuelano ele diz: “ (...) *hombres, mujeres y niños del Venezuela, esta Tierra bolivariana (...) por nuestro Padre infinito, El Libertador.*”<sup>205</sup>. Em 2008 em sua mensagem anual a Assembléia Nacional, em sua fala se inscreve: “Bolívar, esse padre nuestro (...)”<sup>206</sup>. Em 2003 no Fórum Social Mundial sediado em Porto Alegre, no discurso Chávez conclama: “*Bolívar vive, la lucha siegue. Tienen razón ustedes, Bolívar vive*”<sup>207</sup>. Em 2004 em discurso proferido no teatro da Academia Militar, ele diz: “Simón Bolívar, esse, nuestro líder eterno (...)”<sup>208</sup>.

Bolívar faz-se vivo assim nas palavras de Chávez, ele ensina, julga e clama, sobre sua imortalidade mítica. É como se Chávez estivesse dizendo: “não sou eu que quero ou faço isso, mas isso é a vontade de Bolívar”, e assim quem atrever-se ir de encontro ao seu discurso e ações, está traindo a histórica revolução bolivariana. Essa é uma estratégia adotada por Chávez que anula qualquer oposição no interior

---

<sup>204</sup> (...)nosso líder máximo, o General Simon Bolívar(...). Ibidem. p.17

<sup>205</sup> (...) por nosso Pai infinito, O Libertador”. Ibidem. **Discurso na ocasião de sua posse em 2 de fevereiro de 1999**. Disponível em: <http://analitica.com/bitbliblioteca/hchavez/toma.asp>. Acesso em: 11/11/2009

<sup>206</sup> Bolívar: esse pai nosso (...).Ibidem. **Mensaje Anual del Presidente Hugo Chávez Frías ante la Asamblea Nacional**: año de la revisión, rectificación y reimpulso de la revolución bolivariana. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información,2008.

<sup>207</sup> Bolívar vive, a luta segue. Vocês têm razão, Bolívar vive (...). Ibidem. **Foro social mundial**; discurso del presidente Chávez, Porto Alegre, 26 de enero de 2003.Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005.

<sup>208</sup> Simon Bolívar, esse, nosso líder eterno(...).Ibidem.**Taller de alto nivel**; el nuevo mapa estratégico, 12 y 13 de noviembre de 2004. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005.

do seu movimento bolivariano, pois quem se opuser a suas palavras está se opondo ao próprio Bolívar.

Quem se opõem, desconfia ou faz críticas à política de Chávez ou ao seu discurso, não faz parte do movimento bolivariano, ou como ele refere-se à pátria bolivariana ou ao povo bolivariano, ele diz na mensagem de 1993: *“Los militares jóvenes de la Patria de Bolívar no estamos dispuestos a soportar el oprobioso papel de ser la guardia pretoriana de un régimen ilegal e ilegítimo”*<sup>209</sup>, mais a frente em sua fala ele lança a seguinte afirmação: *“El pueblo es bolivariano y triunfará”*<sup>210</sup>. Em dezembro de 2002 em um discurso aos trabalhadores da empresa estatal de petróleo da Venezuela (PDVSA), ele diz: *“Por eso, hijos de Bolívar como somos, y tomo tus palabras, hermano, a la altura de Bolívar estamos, a la altura de los nuevos libertadores de Venezuela.”*<sup>211</sup>. No ano seguinte no Fórum Social mundial em Porto Alegre, Hugo Chávez proclama: *“Fue una resistencia heroica del pueblo de Simón Bolívar, del pueblo venezolano (...)”*<sup>212</sup>. Em 2008 na abertura de um discurso público feito por conta de dez anos do aniversário de sua primeira eleição Chávez diz: *“Yo quiero felicitar al pueblo de Bolívar, de Caracas, de Venezuela, por la gesta histórica que hemos venido impulsando, y es el pueblo el que la há hecho posible”*<sup>213</sup>. No mesma intervenção ele também diz: *“Sientanse ustedes orgullosos de ser lo que somos. Nosotros somos los hijos de Bolívar, compañeros, compañeras (...)”*<sup>214</sup>.

Delimitando no discurso a pátria de Bolívar, Chávez constituiu um lugar no interior da Venezuela que pode ser considerada uma “pátria imaginada”, que divide a população entre quem faz parte do movimento de Bolívar, que se tornou legítimo

---

<sup>209</sup> Os militares jovens da pátria de Bolívar não estão dispostos a suportar o vergonhoso papel de ser a guarda pretoriana de um regime ilegal e ilegítimo. Mensagem Bolivariana do comandante Hugo Chávez Frías a nação: a um ano do 4F Aniversário da Dignidade. Ibidem. **Mensaje Bolivariana del comandante Hugo Chávez Frías a la Nación:** a un año del 4F aniversario de la Dignidad. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007. p. 34.

<sup>210</sup> O povo é bolivariano e triunfara. Ibidem. p. 51.

<sup>211</sup> Assim como nós somos filhos de Bolívar, e eu levo suas palavras, irmão, estamos a altura de Bolívar, a altura dos novos libertadores da Venezuela. Ibidem. **El golpe fascista contra venezuela.** Op. Cit. p. 17.

<sup>212</sup> Foi uma resistência heróica do povo de Simon Bolívar, do povo venezuelano (...) (...). FRÍAS, H.C. **Foro social mundial;** discurso del presidente Chávez, Porto Alegre, 26 de enero de 2003. Ibidem.

<sup>213</sup> Eu quero felicitar o povo de Bolívar, de Caracas, da Venezuela, pelo feito histórico que tem sido os encorajadores, sendo as pessoas que o tem feito possível. Ibidem. **Diez años de Revolución Bolivariana.** Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2008. p. 07.

<sup>214</sup> Sintam orgulhosos de ser o que somos. Nós somos filhos de Bolívar, companheiros, companheiras (...) Ibidem. p. 32

nas mãos e nas palavras de Chávez, e quem está fora desse *locus*, quem não é o “povo”, quem não é “filho de Bolívar”, pois na afirmação dele o povo é bolivariano, é ser bolivariano é ser “filho de Bolívar”, é estar de acordo com suas palavras, pois elas ecoam a “verdade de Bolívar”.

Em 11 de abril 2002 Hugo Chávez foi deposto da presidência da Venezuela em uma breve tentativa de golpe que durou menos de três dias <sup>215</sup>. No Salão Ayacucho dentro do palácio de Miraflores, sede do governo venezuelano, ao retornar da prisão no dia 14 de abril e vir reassumir o posto de presidente da nação, Chávez pronuncia um logo discurso ao ser reempossado, dando a entender que o momento era de se restabelecer a ordem e a paz, e que a revolução bolivariana não iria parar por ali, ao contrário ela tomaria mais força, após esse curto período de caos e de uma quase guerra civil que se iniciou em Caracas e assolou toda a Venezuela. Chávez diz:

Vengo dispuesto a rectificar donde tenga que rectificar. Pero, no solo debo ser yo el rectificador, todos tenemos que rectificar muchas cosas para que volvamos a la calma, al trabajo, al empuje y a la construcción de la Venezuela bolivariana, para que sigamos construyéndoles la patria a nuestro hijos, a nuestros nietos, para que sigamos haciendo realidad el sueño de Bolívar.<sup>216</sup>

O sonho da nação a ser construída por Chávez é assim no discurso dele arremetido ao sonho de Bolívar. Justificar suas ações como “vontades de Bolívar” é algo

---

<sup>215</sup> Este golpe de estado fora organizado e coordenado por um grupo de opositores de Chávez que estavam descontentes com as transformações implantadas em menos de 3 anos pelo seu governo nas esferas social, administrativa e judiciária, do rearranjo institucional, e mesmo de sua postura e discurso como governante no interior e exterior do país. A velha elite venezuelana até tentara traçar acordos com Chávez no período inicial de seu governo, mas ele não cedera e passou a aplicar de maneira firme e continua a serie de programas que visavam a progressiva mudança na realidade venezuelana. Assim juntaram-se diversos setores que estavam descontentes, como parte da elite industrial e do comércio, uma parte dos militares do alto escalão, os altos burocratas da empresa petrolífera estatal da Venezuela (PDVSA), alguns grupos da Igreja Católica, todos coordenados pelas grandes empresas de comunicação (televisiva e escrita) e no dia 11 de abril de 2002 tentaram por meio de um golpe expulsar Chávez do poder e rechaçar toda sua política bolivariana. Eles não contavam com a mobilização popular e de um amplo setor das forças militares, que em um movimento quase que coordenado, retiraram Chávez da prisão em que ele foi posto, para contra-atacarem o golpe e recolocarem ele na presidência do país no dia 14 de abril 2002, dando fim ao golpe e restabelecendo o Estado de direito, ao mesmo tempo dando a Chávez a sua maior vitória política desde que assumira a presidência em 1998. MARINGONI, G. **A revolução venezuelana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>216</sup> Venho disposto a corrigir onde tenho que corrigir. Mas não só eu tenho de corrigir, todos temos que corrigir muitas coisas para que voltemos a calma, ao trabalho, a unidade e a construção da Venezuela bolivariana, para que continuemos a construir a pátria a nossos filhos, nossos netos, para continuar a realizar o sonho de Bolívar. FRIAS, H. C. **A cinco anos del golpe contrarrevolucionario a la revolución cívico-militar**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007. p. 36.

recorrente na retórica de Chávez. Bolívar tem utopias, sonhos e ideais que devem ser levados a frente pelo “seu” povo e pátria, guiados pelo movimento bolivariano capitaneado por Chávez. Sua política é apresentada em seu discurso como a continuidade da política de Bolívar, em 2005 na Cúpula da Dívida Social, ele afirma:

(...) debemos tener conciencia de que los proyectos de liberación que hoy están en marcha son un solo proyecto histórico. Estamos retomando el proyecto originario de la Patria Grande y, si no, así al voleo, decretos: Simón Bolívar, presidente de la República de Venezuela.<sup>217</sup>

No mesmo ano do discurso acima citado, mas em outra ocasião, na reunião de milhares de jovens em Caracas, intitulada de XVI Festival internacional da Juventude e dos Estudantes, Chávez faz o pronunciamento das seguintes palavras:

Es una agresión de 200 años: el mismo discurso. Aquí parece que Bolívar estuviera defendiendo nuestro Gobierno, hoy, y en verdad lo está defendiendo desde entonces (...) He venido en defensa del proyecto de Simón Bolívar, el proyecto de los pueblos de la América Latinocaribeña que se une al proyecto por un mundo mejor, por un mundo distinto (...) Hoy está más vivo que nunca Simón Bolívar, sus sueños, su proyecto concreto de liberación, de integración y de libertad (...) Acuso al imperialismo norteamericano de haber estado obscurizando, saboteando e interfiriendo el proyecto de Simón Bolívar durante casi 200 años!<sup>218</sup>

Em 2007 no aniversário de 15 anos da sua frustrada tentativa de golpe de 4 fevereiro, Chávez diz:

Ustedes, Pueblo de Venezuela, compatriotas de todo el país, démosle el más grande de los recuerdos desde el corazón del pueblo a los heroicos que dieron su vida un día como hoy, hace 15 años, y el aplauso a los soldados que dieron un paso al frente y que aquí estamos juntos siempre, junto al pueblo, construyendo la Patria de Bolívar.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> (...) devemos ter consciência de que os projetos de libertação que estão hoje em marcha são um só projeto histórico. Estamos retomando o projeto original da Pátria Grande e se não a transmissão, decretas: Simon Bolívar, presidente da República da Venezuela. Ibidem. **IV Cumbre de la deuda social**. Op. Cit. p. 16.

<sup>218</sup> É uma agressão de 200 anos: o mesmo discurso. Aqui pare que Bolívar estava defendendo nosso governo, hoje, de fato o está a defender (...). Eu vim em defesa do projeto de Bolívar, o projeto dos povos da América Latina caribenha, que se une ao projeto de um mundo melhor, por um mundo diferente. Hoje está mais vivo que nunca Simon Bolívar, seus sonhos, seu projeto concreto de libertação, de integração e de liberdade (...). Acuso o imperialismo norte americano de haver estado obstruindo, sabotando e interferindo o projeto de Simon Bolívar por quase 200 anos. Ibidem. **Vengo a denunciar 200 años de agresión**.Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información,2006. p. 31-46-59-86.

<sup>219</sup> Vocês, povo da Venezuela, compatriotas de todo país, vamos dar as maiores memórias do coração do povo aos heróis que deram sua vida um dia como hoje, há 15 anos, e aplausos aos soldados que deram um passo em frente e que aqui estão sempre juntos, junto ao povo, construindo a pátria de Bolívar. Ibidem. **4F El amanecer de la esperanza**.Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información,2007. p.20.

Chávez por vezes em seus discursos repassa para Bolívar atribuições e idéias que não condizem diretamente à realidade que Bolívar estava incluso no início do século XIX, em um exercício de anacronismo conceitual ele “diz o que diria Bolívar”, adjetivando-lhe conceitos que nunca estiveram presentes no seu tempo histórico. Na sua fala em 2005 na IV Cúpula da Dívida Social, ele diz:

Esto no es antineoliberal, porque el neoliberalismo dice que la República debe minimizarse, que el Estado debe replegarse. Bolívar era antineoliberal (...) Si Bolívar hubiese vivido unos años más, yo estoy seguro, estudiando Bolívar, al Bolívar verdadero, que Bolívar hubiera terminado siendo socialista. Estoy absolutamente seguro. Iba directo al socialismo.<sup>220</sup>

Em mensagem um ano depois com o título de “Só o socialismo salvará a espécie humana”, Chávez diz:

El socialismo tiene mucho de humanismo, de amor, de solidaridad; el socialismo es inclusión social. El socialismo es lo que decía Bolívar: que el fundamento de nuestro sistema político, el que estaba nasciendo em 1819, debía ser la igualdad establecida y practicada em Venezuela.<sup>221</sup>

Bolívar surge na fala de Hugo Chávez nesse momento como antineoliberal e socialista, ele transfere para Bolívar atributos que estão claramente deslocados da historicidade do herói da libertação, mas que é importante serem associados a ele para que além de sua imagem vincular-se ao mito, seu projeto em todas as linhas apresenta-se como sendo o projeto do próprio Bolívar. E mesmo que Bolívar nunca tenha falado em vida de socialismo, Chávez afirma que: “está totalmente seguro” que Bolívar acabaria tornando-se socialista, o “verdadeiro Bolívar”, o Bolívar que Chávez diz que detém.

---

<sup>220</sup> Isso não é neoliberal, porque o neoliberalismo disse que a República deve ser minimizada, que o Estado deve recuar. Bolívar era antineoliberal (...) Se Bolívar houvesse vivido uns anos a mais, eu tenho certeza, estudando Bolívar, o Bolívar verdadeiro, que Bolívar tivera acabado sendo socialista. Estou totalmente seguro. Iria direto ao socialismo. Ibidem. p. 17-22.

<sup>221</sup> O socialismo tem muito de humanismo, de amor, de solidariedade; socialismo é inclusão social. O socialismo é o que dizia Bolívar: o fundamento do nosso sistema político, o que estava nascendo em 1819, devia ser a igualdade estabelecida e praticada na Venezuela. Ibidem. **Sólo el socialismo salvará a la espécie humana.** Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2006. p. 21.



Em artigo sobre comunicação LARANJEIRA, RIZZOTO e RODRIGUES abordam a questão da linguagem e da estratégia político-midiática em Chávez, na conclusão eles dizem:

O que é possível afirmar com maior propriedade é que essa linguagem diferenciada existe e é propositadamente utilizada para conquistar e manter o apoio da população (...) parece que pretende moldar uma sociedade sem espaço para divergência ideológicas, com a utilização de expressões que unificam o pensamento e pretendem garantir a estabilidade do Estado.<sup>222</sup>

Essa conclusão parece ser um pouco radical, ao afirmar que Chávez pretende moldar uma sociedade homogênea e sem conflitos, bem como uma distopia aos moldes 1984 de George Orwell <sup>223</sup>, onde o soberano (Estado) tem o controle sobre as vidas de forma total ou quase total. O que se percebe nas falas de Chávez não é a tentativa de instauração de um totalitarismo político pela via lingüística, mas uma instrumentalização de seu arsenal na luta política que é travada em seu país, Chávez vive desde que assumiu o poder um regime de conflito constante contra diversos setores da sociedade venezuelana<sup>224</sup>, ele não governa sobre as “nuvens da paz”, assim a construção da “língua” bolivariana tem mais as características de uma ferramenta belicosa de ataque e defesa no jogo político do que uma construção que pretende forjar uma unidade totalitária na mentalidade venezuelana, uma pretensa busca da *one vision*.

---

<sup>222</sup> LARANJEIRA, A.N; RIZZOTO, C. C.; RODRIGUES, E. A novilíngua bolivariana; uma linguagem apropriada para a estratégia político-midiática de Hugo Chávez. **Compós**, 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/203/204>>. Acesso: 18 de dezembro de 2009.

<sup>223</sup> Livro escrito 1948 pelo jornalista e romancista George Orwel. Em sua narrativa ficcional ele apresenta uma sociedade controlada por dispositivos de segurança que visavam à disciplina e obediência da população ao partido. Dentre esses dispositivos, o principal é o Grande Irmão, uma figura fictícia criada para atemorizar os indivíduos e legitimar a existência do poder constituído. ORWELL, G. **1984**. 29. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2004.

<sup>224</sup> BORGES, A. *Ibidem*.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*(...) quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (...) É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte (...) se cada chinês tem que aprender Mao e, assim, torna-se Mao, é porque não há outra coisa para ser.*

*(Guy Debord)<sup>225</sup>*

O mito de Bolívar e sua trajetória histórica, sua inserção no imaginário venezuelano através dos ecos que ressoam e perpetuam-se tanto entre a elite quanto entre a população mais humilde, transmuta-se de armaria a religião, de artifício a natureza e de culpa a redenção. Hugo Chávez associa-se a este “ente metafísico” não por estar para além dos seus opositores e antecessores, mas por dividir a mesma História, ele não vem mudar a “mentalidade da nação”, mas sim vem revigorar, reintroduzir o velho ritual, dentro de antigas e novas apropriações, assim o mito renasce mesmo sem nunca ter falecido.

Para tanto Chávez traçou seu caminho rumo ao poder sobre os auspícios da simbologia bolivariana, aliando-se ao Bolívar nas trincheiras e no palanque, um Bolívar que em parte foi mitificado historicamente pelos antecessores de Chávez em quase 180 anos de República autônoma e em parte personalizado pelo próprio Chávez que por suas necessidades específicas não poderia simplesmente adotar a velha “estatua” por completo, precisava reciclar para lhe ser mais útil, Bolívar na representação chavista virou até socialista. Entre as vicissitudes e a planificação de sua vida pública Chávez dormiu e acordou com e como Bolívar, é o que diz os intelectuais militantes que fazem a História oficial, que constroem uma História que confunde Chávez com Bolívar, mas que não se confunde em seus objetivos, a construção da imagem do seu soberano dentro dessa “confusão” imagética. Dentro das biografias sobre Chávez, ser Bolívar e ser Chávez e indissociável. Diferi-se em

---

<sup>225</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

cada narrativa na intensidade, profundidade e forma, mas o conteúdo sempre traz a tona o homem que abarca da idolatria a simplicidade do comum ao misticismo da sacralização do homem providencial.

Em suas próprias palavras, Chávez é menos Bolívar e mais seu porta voz, não do Libertador morto, mas do que paira vivo sobre a nação venezuelana, que sonha ter seu projeto concluído, que vislumbra a libertação e unificação dos povos latino americanos. Assim o projeto de Chávez é mais do que o projeto político do presente, ele apresenta-se como um dever histórico, que recai sobre o “povo de Bolívar”. Chávez faz como fez São Mael no romance do escritor francês Anatole France, “A Ilha dos Pinguins”, o santo por um descuido batiza cristã uma ilha inteira de pinguins, sendo que Deus por conta do episódio autoriza a transformação daquelas aves em humanos. Chávez carrega em sua representação o mesmo poder de São Mael, ele batiza no bolivarianismo o povo, e Bolívar os transformam em libertadores, em seus filhos, não por um descuido como o santo, mas por vocação.

Pode-se dizer tudo sobre a mitificação de Bolívar e suas apropriações históricas, mas como foi dito nos primeiros capítulos o mito político não é um simples brinquedo da elite política, o mito tem chão, ele transita entre o povo independente do poder e seus caprichos, ele está na mente dos camponeses, nas conversas de bares, na sala de aula, nas ruas e praças, na literatura “alta” e “baixa”, resumindo: ele vive tanto pelo e para o poder, quanto longe desse poder, vivendo em um ciclo de influência mútua, mas que sobrevive de maneira autônoma. A questão que se coloca é: qual é a motivação da perenidade desse mito? Qual o seu fermento histórico?

Para se chegar a uma resposta sobre essa questão, uma resposta parcial, uma perspectiva, deve-se considerar o princípio do discurso que sustenta o mito, o que essa representação vem “resolver”, qual a dificuldade a ser superada. Para a filósofa brasileira Marilena Chauí, o mito cumpre a condição de ferramenta de resolução

imaginada aos problemas e conflitos que não se solucionam na ordem da realidade, ela diz:

Ao falarmos em mito, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade.<sup>226</sup>

O mito político, no caso da Venezuela, o Bolívar, é um sintoma de um problema, é uma imagem que vem se repetindo ao longo de toda a História republicana e que surgiu e ressurgiu para preencher uma lacuna e para tentar amenizar uma dificuldade na validação da própria constituição da identidade nacional. São três pontos que se destacam nesse discurso mítico: a independência, a liberdade e a formação de um Estado continental (integração).

O escritor Venezuelano Angel Bernado Viso em um ensaio que trata da História venezuelana através da introspecção e da vivência coletiva em oposição à História tradicional, diz que:

Separado para siempre de su pasado indígena, que se resulta incomprensible, esse hombre há visto disminuir todavía más el ámbito de su memoria, al borrar de ésta el pasado colonial, y por ende español, que considera condenable. La Independencia há pasado a ser su único antecedente em el tiempo y la sola razón por la cual su vida deja de ser un hecho aislado para intergrarse en una cadena, muy limitada por cierto, de sucesos que se prolongan em la historia.<sup>227</sup>

VISO aponta a Independência como o ponto de partida da “existência” venezuelana, do ser nacional, aproximando-se em sua análise do debate levantado pelo historiador francês François Fuhet, que em sua jornada na “desconstrução” da

---

<sup>226</sup> CHAUI, M. **Brasil**; mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996. p.09.

<sup>227</sup> Separado para sempre de seu passado indígena, que é incompreensível, esse homem viu diminuir ainda mais o alcance de sua memória, ao apagar este passado colonial, é portanto espanhol, que considera condenável. A independência se tornou a ser seu único antecedente no tempo e a razão pela qual sua vida deixa de ser um feito isolado para integra-se a uma cadeia, por certo muito limitada de eventos que se prolongam na história. VISO. A.B. **Venezuela**; identidad y ruptura. Caracas: Alfadil Ediciones, 1982. p. 139.

Revolução Francesa, indica que toda sociedade “elege” um momento no passado, transformando-o na gênese da nação, no momento primordial, assim tudo que antecede o fato “eleito” não faz parte dos sentimentos de pertence da nação, enquanto que a história do fato indicado e tudo que vem a se tecer posteriormente afloram como política no presente e ferve nos corações e mentes da sociedade.<sup>228</sup>

Nesse sentido a independência é para a sociedade Venezuelana esse marco histórico da sua gênese como povo, mas pode-se ver que existe um sentimento de inconclusão desse momento fundamental, por isso Chávez ao falar de Bolívar e da independência, ele fala de um projeto inacabado de um momento que se estende há 200 anos na história sem ser resolvido, tanto a independência quanto a liberdade, na fala de Chávez não foram alcançadas, assim Bolívar não morreu, pois não poderia morrer, ele não “descansará” enquanto seu projeto não for concluído, ele é eco do sentimento nacional, seu panamerismo, sua nação continental, que abarca todos os filhos de Bolívar é a própria imagem de um sentimento de formação mal resolvida. VISO faz as seguintes considerações sobre essa questão:

Esa revisión debe hacerse em profundidad y com ánimo resuelto, seguros de que no existe ninguna falta em desmontar mentalmente el proceso de la independencia y del misma de nuestros héroes, Nunca podremos llegar a la madurez como pueblo si seguimos teniendo esse temor reverencial, inibidor de nuestro sentido crítico, que nos han inculcado desde la escuela y que pretenden seguir inculcándonos em la edad adulta a través de la representación de los símbolos de la patria y de la repetición hasta el infinito de las historias de Bolívar.<sup>229</sup>

Uma revisión integral de nuestra manera de ver la independencia, nos permitiría liberarnos del maleficio del resentimiento que llega hasta nosotros por una o otra vías señaladas. Lograríamos sustituir por um respeto más que merecido un culto esterilizador, por cuanto éste nos incapacita para resolver sobre nuestro destino. Corregiríamos a los sacerdotes del culto que pretender limitar nuestra papel de exégesis del pensamiento de Bolívar y a la ejecución de sus proyectos (...). Sólo si rescatamos para nosotros el imperio del cual formamos parte, dejaremos de proyectarnos como hombres de segunda clase y comprenderemos que

---

<sup>228</sup> FURET, F. **Pensando a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>229</sup> Essa revisão deve fazer-se em profundidade e com o espírito resolutivo, seguro de que não existe nenhum erro em desmontar mentalmente o processo de independência e da alma de nossos heróis. Nunca poderíamos atingir a maturidade como povo se seguirmos tendo esse temor reverencial, inibidor de nosso sentido crítico, que tem nos inculcado desde a escola e que pretende seguir nos inculcando na idade adulta através da representação dos símbolos da pátria e da repetição *ad infinitum* das histórias de Bolívar. *Ibidem*. p.142.

tenemos una vocación de dominio momentáneamente dormida, pero que puede ser actualizada y dirigida por menos desesperanzadores caminos.<sup>230</sup>

VISO traz uma solução para essa questão, ele fala em uma revisão e uma desconstrução desses afetos, tanto os processos de independência, libertação e os heróis devem para ele ser desmontados e repensados, só através da aquisição desse sentido crítico ele acredita que o país poderá atingir a maturidade como nação e os sujeitos deixaram de se projetarem como seres de segunda classe. A reprodução, pode-se se dizer, desse complexo de bastardia, é a semente e o fruto do mito bolivariano, para ele somente ceifando esses sentimentos poderia se superar essa condição atual de “venezuelano”.

Pode-se dizer que a inserção da figura de Hugo Chávez no cenário da política nacional venezuelana, a sua chegada ao poder e sua manutenção nele, deu-se parte pela sua apropriação da imagem de Bolívar associada à fabricação de sua imagem pública, mas tal feito só se tornou possível pela preexistência do mito do Libertador que historicamente saltou pelas mãos dos governantes das mais variadas bandeiras, e que a eficácia desse mito na atualidade existe por conta dos sentimentos nacionais de uma independência inacabada, uma liberdade não alcançada e uma pátria não constituída integralmente, o sentimento de se estar vagando pelo velho labirinto.

---

<sup>230</sup> Uma revisão integral de nossa maneira de ver a independência nos permitira livrarmos do malefício do ressentimento que nos atinge por uma ou outra via assinalada. Lograríamos substituir por um respeito mais merecido o culto esterilizador, por enquanto este nos incapacita de resolver sobre nosso destino. Corrigiríamos os sacerdotes do culto que pretende limitar nosso papel a exegese do pensamento de Bolívar e a execução de seus projetos (...) Só se resgatarmos para nós o império do qual somos parte, deixaremos projetar como homens de segunda classe e compreenderemos que temos uma vocação adormecida momentaneamente, porém que pode ser atualizada e dirigida por caminhos menos desesperançosos. Ibidem.p.144-145.

## 7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1 ALMADA, I. **Venezuela povo e forças armadas**. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2007.
- 2 ANASTASIA, F.; MELO, C. R.; SANTOS, F. **Governabilidade e representação política na América do Sul**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004.
- 3 ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Ed. 70, 2005.
- 4 ARENAS, N; CALCANÕ, L.G. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad Del pueblo. **América Latina Hoy**, Salamanca, n. 39, p. 168, 2004.
- 5 AUMAITRE, J. V. C. Governabilidad democrática y reformas políticas en Venezuela. In: Hofmeister, W. **Reformas Políticas en América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
- 6 BALANDIER, G. **Poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- 7 BARTHES, R. **Mitologías**. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1999.
- 8 BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- 9 BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- 9 BOECHAT, W. **Mitos e Arquétipos do homem contemporâneo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- 10 BOTTOMORE, T. B. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- 11 BORGES, A. **Venezuela**: originalidade e ousadia. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2005.
- 12 BURKE, P. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- 13 CARLYLE, Thomas. **On Heroes, Hero – Worship and heroic in History**. Cambrienge: The Electric Book Company, 2001.
- 14 CARRERA-DAMAS, German. **El culto a Bolívar**. Caracas, Ediciones de la Biblioteca de la. Universidad Central de Venezuela, 1973.
- 15 CASSIRER, E. **O mito do estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1976.

- 16 \_\_\_\_\_. **A filosofia das formas simbólicas II: o pensamento mítico.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 17 CASTRO, M. W. **Bolívar (1783-1830).** São Paulo: Editora Três, 1973.
- 18 CHAUI, M. **Brasil;** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.
- 19 DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- 20 DONGHI, T. H. **História da América Latina.** São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1979.
- 21 DURAND, G. O retorno do mito: introdução a mitologia. Mitos e sociedades. **Famecos**, Porto Alegre, n. 23, p. 07, 2004.
- 22 EAGLETON, T. **Ideologia:** Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- 23 FERNÁNDEZ, A. J. P. Política midiática e luta de classes: a era Chávez em pauta. In: COGGIOLA, O. **América Latina.** São Paulo: Editora Xamã, 2003.
- 24 FURET, F. **Pensando a Revolução Francesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- 25 GARCÍA MÁRQUEZ, G. **O General em seu labirinto.** 3. ed. - Rio de Janeiro: Record, 1989.
- 26 GIDE, A. **Os frutos da terra.** Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1986.
- 27 GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- 28 GOFFMAN, E. **A representação do eu no cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- 29 KIERKEGAARD, S. **Migalhas filosóficas;** ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- 30 LAGOS, M. A apearse de La fantasia: Hugo Chávez y los liderazgo en América Latina. **Nueva Sociedad**, Lima, n. 200, p.92, 2006.
- 31 LAGROU, P. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PORTO, G. **História do Tempo Presente.** Bauru: EDUSC, 2007.
- 32 LAMBERT, J. **América Latina.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- 33 LARANJEIRA, A.N; RIZZOTO, C. C.; RODRIGUES, E. A novilíngua bolivariana; uma linguagem apropriada para a estratégia político-midiática de Hugo Chávez.



Compós, 2008. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/203/204>>. Acesso: 18 de dezembro de 2009

34 LASSWELL, H. D. **A Linguagem da política**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1982.

35 LEGROS, Patrick. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

36 LÓPEZ-MAYA apud MARINGONI, G. **A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 84.

37 MARINGONI, G. **A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

38 \_\_\_\_\_. **A revolução venezuelana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

39 MARX, K. **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, 1974.

40 \_\_\_\_\_. **Contribuição para uma história da América Latina**. São Paulo: Edições Populares, 1982.

41 MAY, R. **Poder e inocência**; uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro; Editora Guanabara, 1981.

42 MELO, P. P. Imagens de Bolívar; das guerras de independência ao *chavismo*. **Liber Intellectus**, São Paulo, Vol 1, n 3, p. 1-15, julho 2008.

43 MIGUEL, L. F. Em torno do conceito de mito político. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 41, n. 3, p.10, 1998.

44 MOREIRA, V.M.L. O passado e as argumentações políticas do presente. Revista de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, n.6, p.105, 1998.

45 MOURÃO, F. Prefácio. In: BALANDIER, G. **Poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

46 NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

47 ORWELL, G. **1984**. 29. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2004.

48 PAZ, O. **O labirinto da solidão e post scriptum**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

49 RIOUX, J. P. Pode se fazer uma história do presente. In: CHAUVEAU. A; TÉTARD. P. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 44.

50 RIVAS-AGUILAR, R. El proyecto bolivariano; la restitución del ciclo andino y del proyecto octubrista. **Economía**, Venezuela, julho de 2007. Disponível em : <

[http://iies.faces.ula.ve/Revista/Articulos/Revista\\_24/Pdf/Rev24Rivas.pdf](http://iies.faces.ula.ve/Revista/Articulos/Revista_24/Pdf/Rev24Rivas.pdf)>. Acesso em: 27 agosto de 2009.

51 ROMERO, J. E. Discurso político, comunicación política e historia en Hugo Chávez. In: **Ámbitos**, n. 13-14, 2005.

52 RUSSEL. B. **O poder**: uma nova análise social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

53 SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação (III parte)** ; Crítica da filosofia kantiana ; Parerga e Paralipomena (capítulos V, VIII, XII, XIV). 3. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.

54 SILVA, F. C. T. Prólogo. In: MARCANO, C; TYSZKA, A. B. **Hugo Chávez sem uniforme**. Rio de Janeiro: Editora Griphus, 2004.

55 SIRINELLI, J. F. apud CHAUVEAU. A; TÉTARD. P. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 29.

56 SOREL, G. **Reflexiones sobre la violencia**. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, s/d.

57 SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

58 UCHOA, P. **Venezuela**: A encruzilhada de Hugo Chávez. São Paulo: Editora Globo, 2003.

59 VISO. A.B. **Venezuela**; identidad y ruptura. Caracas: Alfadil Ediciones, 1982.

60 ZAVALA, D. F. M. História de meio século na Venezuela: 1926-1975. In: CASANOVA, P. G. **América Latina**: História de meio século (org). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1977.

## 10 FONTES

1 BÁEZ, Luis; ELIZALDE, Rosa Miriam. **Chávez nuestro**. Habana: Casa Editora Abril, 2004.

2 BONILLA-MOLINA, Luis; TROUDI, Herman el. **Historia de la revolución bolivariana**: pequeña crónica 1948-2004. Caracas: Ministerio de Comunicación e Información, 2004.

3 DIETERICH, Reinz. **Hugo Chávez y el socialismo del siglo XXI**. Venezuela: Monte Avila Editores, 2007.

4 FRÍAS. H. C. **4F El amanecer de la esperanza**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.

5 \_\_\_\_\_. **IV Cumbre de la deuda social**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005.

6 \_\_\_\_\_. **Entramos a una nueva era; el proyecto nacional Simón Bolívar**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.

7 \_\_\_\_\_. **A cinco años del golpe contrarrevolucionario a la revolución cívico-militar**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.

8 \_\_\_\_\_. **Diez años de Revolución Bolivariana**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2008.

9 \_\_\_\_\_. **Discurso na ocasião de sua posse em 2 de fevereiro de 1999**. Disponível em: <http://analitica.com/bitblioteca/hchavez/toma.asp>. Acesso em: 11/11/2009.

10 \_\_\_\_\_. **El golpe fascista contra Venezuela**. Havana: Ediciones Plaza, 2003.

11 \_\_\_\_\_. **Entramos a una nueva era; el proyecto nacional Simón Bolívar**. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.

12 \_\_\_\_\_. **Foro social mundial**; discurso del presidente Chávez, Porto Alegre, 26 de enero de 2003. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005.

13 \_\_\_\_\_. **Frases II**. Caracas: Ministério da Comunicação e da Informação, 2006.

14 \_\_\_\_\_. **Mensaje Anual del Presidente Hugo Chávez Frías ante la Asamblea Nacional**: año de la revisión, rectificación y reimpulso de la revolución bolivariana. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2008.

- 15 \_\_\_\_\_. **Mensaje Bolivariana del comandante Hugo Chávez Frías a la Nación:** a un año del 4F aniversario de la Dignidad. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2007.
- 16 \_\_\_\_\_. **Sólo el socialismo salvará a la especie humana.** Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2006.
- 17 \_\_\_\_\_. **Taller de alto nivel;** el nuevo mapa estratégico, 12 y 13 de noviembre de 2004. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2005.
- 18 \_\_\_\_\_. **Vengo a denunciar 200 años de agresión.** Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2006.
- 19 GOTT, R. **À sombra do libertador:** Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- 20 TROUDI, E.T. **Historia de la revolución bolivariana:** pequeñas crónicas. Caracas: Ministerio del poder popular para la Comunicación y información, 2004.
- 21 \_\_\_\_\_(org). **Para comprender la revolución bolivariana.** Caracas: Ediciones de la presidencia de la republica, 2004.
- 22 HARNECKER, Marta. **Um homem, um povo.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- 23 VENEZUELA. Constituição (1999). **Nueva Constitución de La Republica bolivariana de Venezuela.** Caracas: Gaceta Oficial, 1999.

# **ANEXOS**

## ANEXO A – IMAGENS

### 1- RETRATO DE SIMÓN BOLÍVAR



Fonte: <http://www.info-regenten.de/regent/regent-d/pictures/bolivia-bolivar.jpg>

## 2- ESTATUA EQÜESTRE DE BOLÍVAR LOCALIZADA EM CARACAS



Fonte: <http://venezuelabolivariana.nafoto.net/images/photo20051229155838.jpg>



**3- IMAGEM DE HUGO CHÁVEZ AO FAZER A DECLARAÇÃO EM REDE NACIONAL DE TELEVISÃO APÓS SER PRESO EM 4 DE FEVEREIRO DE 1992.**



Fonte: <http://constelar.com.br/blog/media/blogs/politica/2007/chavezgolpe.jpg>



4- FOTO DE PEDRO PEREZ DELGADO, O MAISANTA ( A DIREITA NA FOTO).



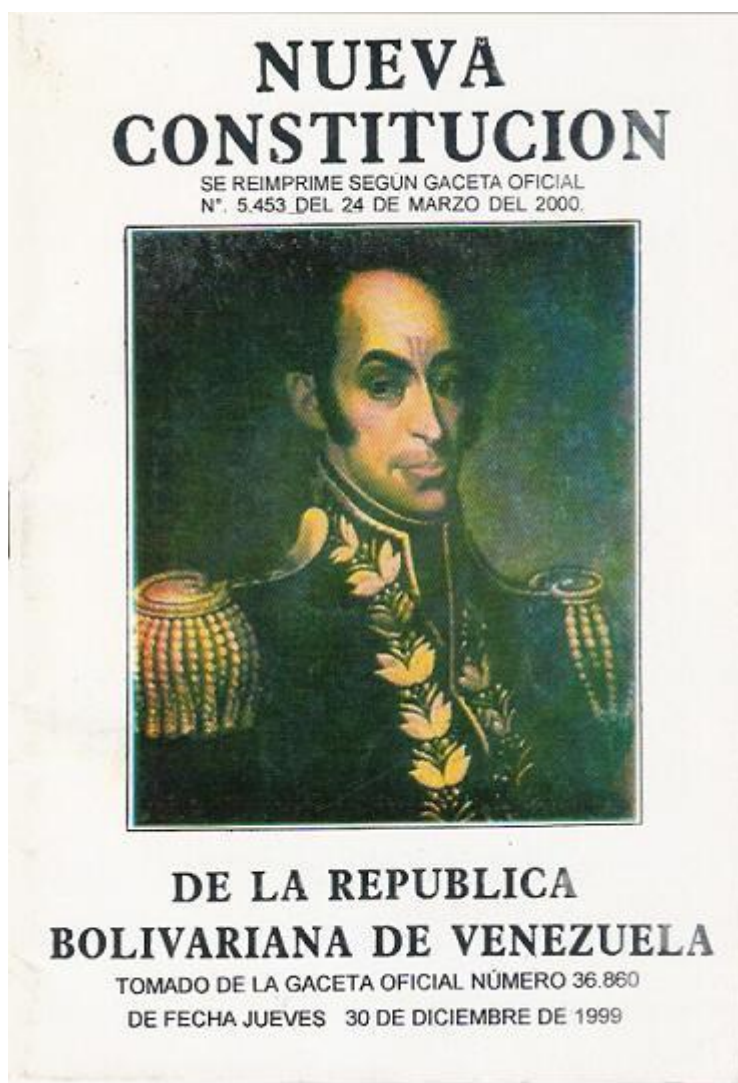
Fonte: <http://encontrarte.aporrea.org/media/77/maisanta1.jpg>

**5 – HUGO CHÁVEZ AO LADO DA BANDEIRA DA VENEZUELA E AO FUNDO A IMAGEM DE BOLÍVAR**



Fonte: : <http://withfriendship.com/user/images/786/hugo-chavez-simon-bolivar.jpg>

## 6- A CONSTITUIÇÃO VENEZUELANA DE 1999



Fonte: Arquivo pessoal



7- IMAGEM DE CHÁVEZ NO PROGRAMA TELEVISIVO SEMANAL ALÔ PRESIDENTE



Fonte: [http://vencentral.files.wordpress.com/2008/10/alo\\_presidente.jpg](http://vencentral.files.wordpress.com/2008/10/alo_presidente.jpg)

8- HUGO CHÁVEZ: MILITAR, PRESIDENTE E BOLIVARIANO.



Fonte: <http://network.nationalpost.com/np/blogs/fullcomment/CHAVEZ.jpg>

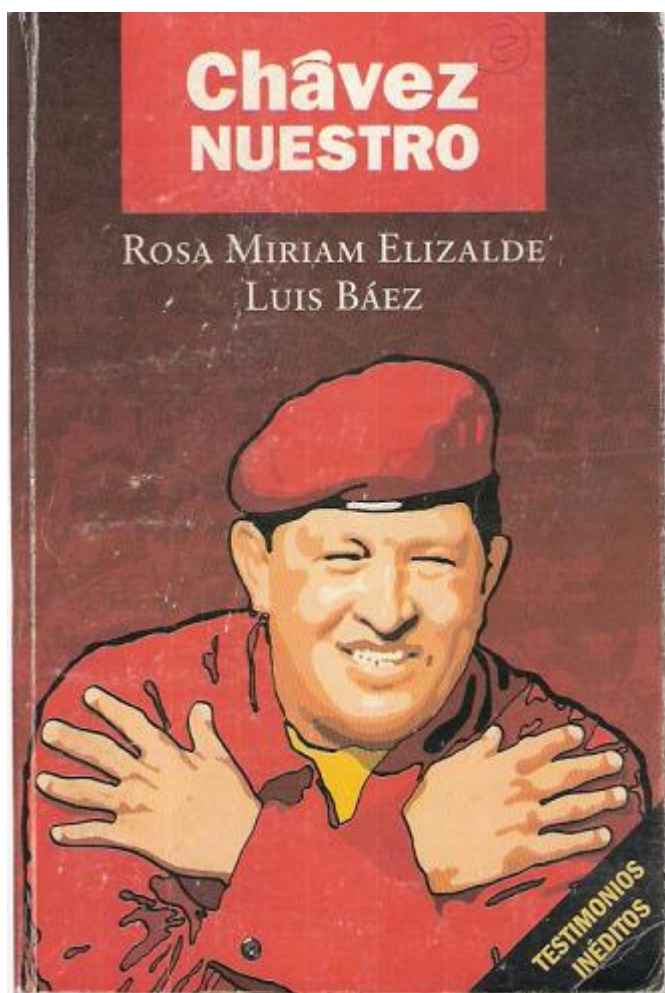
## 9- CHÁVEZ E BOLÍVAR



Fonte:

[http://www.elpais.com/recorte/20071118elpdmgpor\\_1/LCO340/Ies/Chavez\\_pintura\\_Simon\\_Bolivar.jpg](http://www.elpais.com/recorte/20071118elpdmgpor_1/LCO340/Ies/Chavez_pintura_Simon_Bolivar.jpg)

10-CAPA DO LIVRO *CHAVEZ NUESTRO*



Fonte: Arquivo pessoal